

Federação Paulista de Futebol



Administração: Eduardo José Farah e Antoine Gebran

DRIBLE



Ag. da C.



**GLOBO E VOCÊ
TUDO A VER.**

Futebol é bola na rede. Globo.

A palavra do presidente

Nesta edição histórica, que marca a comemoração de 90 anos de futebol oficialmente disputado em São Paulo, cabe-me, como presidente da Federação Paulista de Futebol, aproveitar o ensejo para passar aos esportistas algumas mensagens e teses que devem merecer reflexões. O objetivo é, sempre, o progresso da instituição futebol em São Paulo e no Brasil.

A experiência acumulada ao longo de mais de trinta anos como dirigente de clube, presidente, membro de TJD, STJD, diretor da

Teixeira. E, definitivamente, cuidar do Campeonato Brasileiro reduzindo-o para 36 clubes, divididos em dois grupos de 16 (A e B) com acesso de 6 associações e mesmo número para o descenso. Quanto ao acesso para a Série B, dar-se-ia com a promoção de equipes classificadas nos campeonatos regionais numa proporção que tivesse como base o aproveitamento de clubes de Federações de maior potencial.

No âmbito doméstico, temos a honra de presidir a maior federação de futebol do País e das Américas; e a alegria de, nos 4 anos de nossa administração, termos concluído todos os nossos campeonatos com tranquilidade.

Colocamos a FPF na era da informática e os nossos computadores introduzidos na Contabilidade, Departamento Técnico, Registro e em breve no Departamento de Árbitros, estão ligados **on line** com os da CBF, agilizando os processos de registro e transferência em benefício de nossos filiados. Contrato firmado, anunciamos com satisfação a introdução, este ano, no campeonato da Primeira Divisão, do sistema de vendas de carnês para os jogos.

O sonho de levar a Federação para uma das marginais da Capital em um centro administrativo e de treinamentos, acreditamos, com muito trabalho, tornaremos realidade.

Nas comemorações de 90 anos de futebol oficial em São Paulo, a nossa lembrança e gratidão a todos os ex-presidentes e dirigentes que solidificaram a grandeza da FPF e do Futebol Paulista. Um destaque especial a Roberto Gomes Pedrosa, introdutor em nosso futebol da Lei de Acesso, marco decisivo para o crescimento do futebol no Estado e o surgimento da real força do Interior paulista.

A honra de dirigir a FPF é muito grande. Aos que confiaram em nossa responsabilidade e trabalho, obrigado.

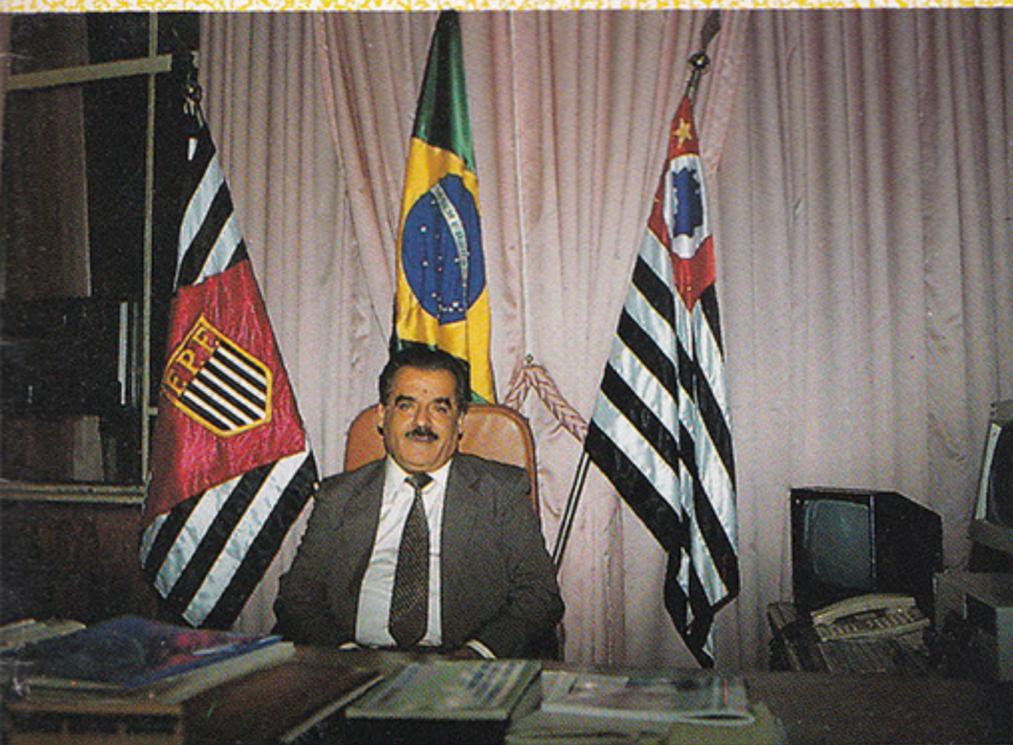


FOTO: TEÓFILO PEREIRA

Federação, CBF e hoje no quarto ano de mandato à frente da FPF, nos deu plena convicção de que o Campeonato Brasileiro deve ser organizado e disputado nos moldes da Copa do Mundo, com sede, subsedes e, preferencialmente, disputado de dois em dois anos. Nunca em ano de disputa de Mundial. Tornar-se-á, sem dúvida, um evento rentável técnica e financeiramente. Será avidamente aguardado pelos torcedores e, conseqüentemente, patrocinadores.

A CBF poderá, entendemos, tratar mais da Seleção, aproveitando o prestígio internacional do presidente dr. Ricardo Terra



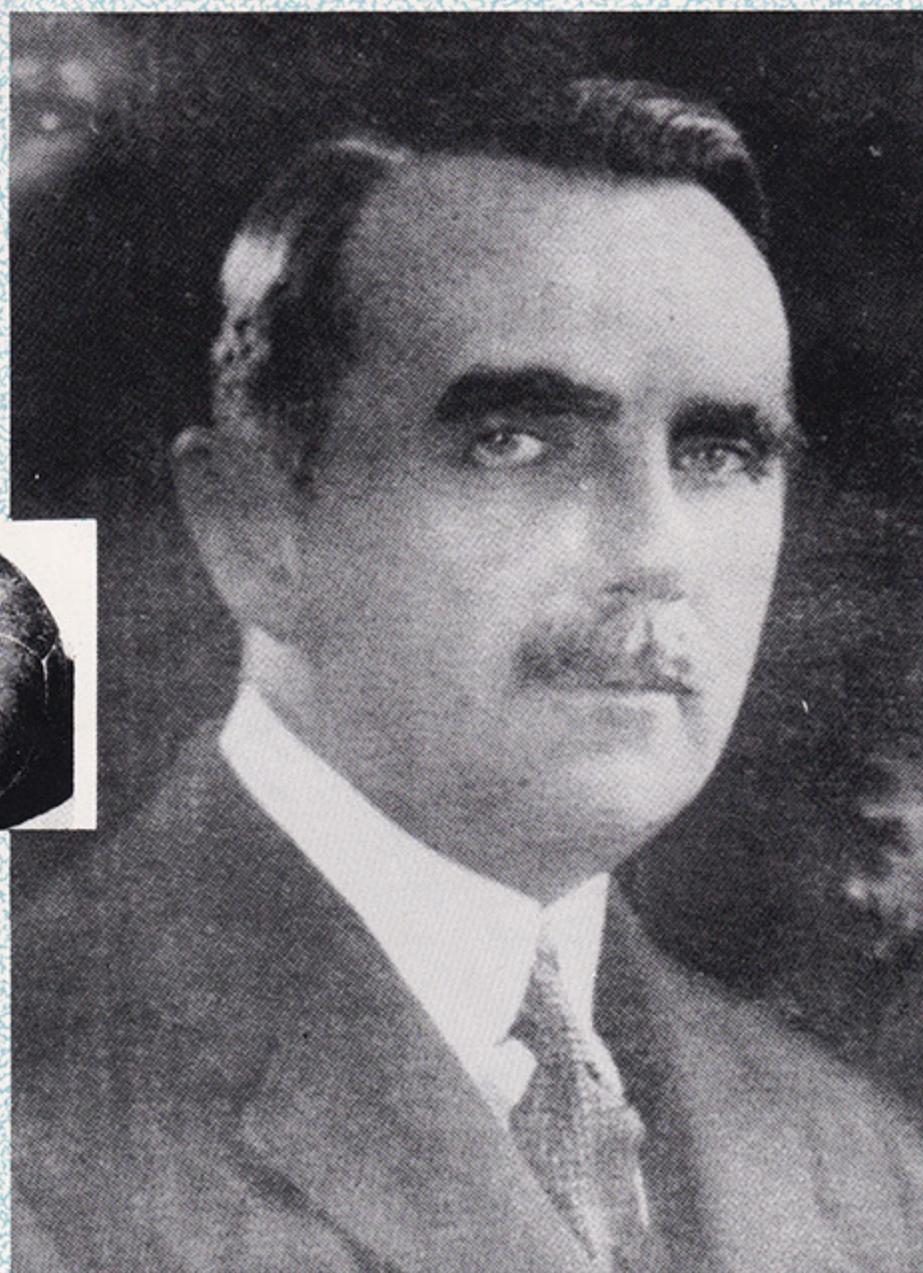
Eduardo José Farah
Federação Paulista de Futebol
presidente

No alvorecer do futebol

As traves, feitas de bambu, eram amarradas com barbante. A Chácara Dulley servia ao futebol e aos burros dos bondinhos da Viação Paulista.

Rubens Ribeiro

1901/1920



Charles Miller, que trouxe as primeiras bolas (detalhe) para o Brasil.

leira para este novo esporte. Centro-avante e capitão da equipe do S. C. Internacional organizou um torneio com o Mackenzie em disputa a uma taça que levou o seu nome. Em "História do Futebol de São Paulo", Antônio Figueiredo conta que "o torneio teve início em 1900, na Chácara Dulley, num campo quase sem grama, de terreno irregular e cheio de buracos. As traves foram feitas de bambu, com o travessão amarrado com simples barbante. Não existia rede, não existia torcida... Não existia nada. Nada, além de dois times dispostos a jogar futebol. A série de jogos se estendeu por muito tempo, ora na Chácara Dulley, ora no campo do Mackenzie, também irregular e bastante íngreme. Um dos jogos da Chácara teve de ser interrompido porque o campo foi invadido pelos burros que puxavam os bondes da Companhia Viação Paulista.

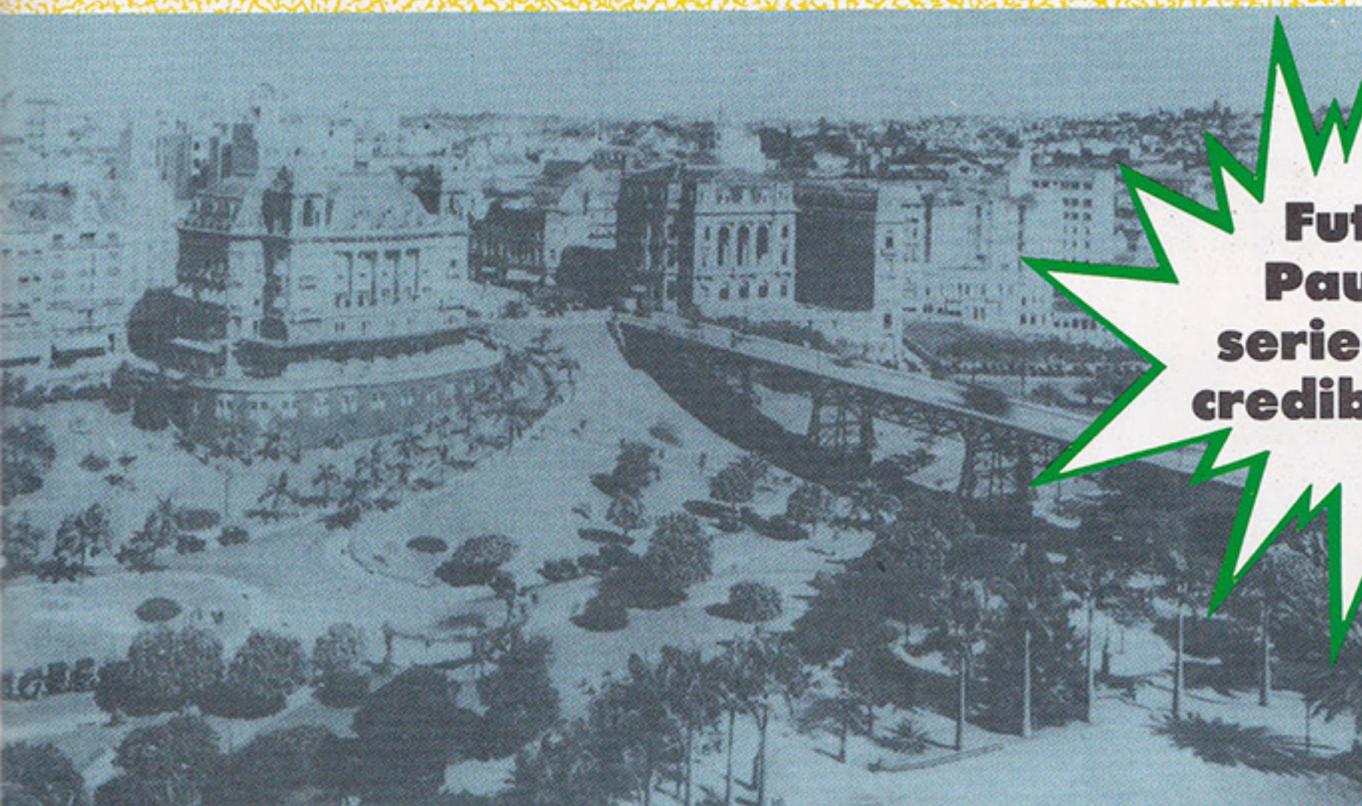
Renê Vanorden, por São Paulo, e Oscar Coux, pelo Rio, acertaram os primeiros jogos entre paulistas e cariocas. O primeiro jogo, disputado no dia 19 de outubro terminou 1 a 1 e o segundo, jogado no dia 20, empatado de novo por dois gols. A delegação carioca viajou pela Central do Brasil e cada integrante teve de desembolsar 130 mil réis, para pagar despesas de transporte, hospedagem e o insubstituível banquete de confraternização.

1902 - Depois, tudo aconteceu muito rápido. A Liga já contava com cinco clubes: São Paulo Athletic Club (uniforme azul e branco), Paulistano (vermelho e branco), Germânia (azul e preto), Mackenzie (vermelho) e Internacional (vermelho e preto). Com eles promoveu o Campeonato Paulista, em disputa da Taça Antonio Casi-

Descrever duas décadas do futebol paulista em apenas 120 linhas é tarefa difícil. Foram muitos os fatos importantes:

1901 - Completa-se o trio pioneiro do nosso futebol, quando o santista Antônio Casimiro da Costa se junta ao paulista, filho de ingleses, Charles Miller e ao

alemão Hans Nobiling. Miller forneceu as duas primeiras bolas de futebol, Nobiling os estatutos de um clube e Casimiro da Costa botou ordem ao fundar a *Liga Paulista de Foot-ball* a 14 de dezembro. Sua preocupação com o futebol era tanta, que chegou a convencer o Caetano, um sapateiro da rua Ipiranga a fabricar a primeira bola brasi-



O Vale do Anhangabaú em 1910 era assim.

Futebol Paulista: seriedade e credibilidade.

priedade de Salvador Bataglia, discutem a fundação do Santos Dumont F.C. Eles fundam um clube, mas não com aquele nome e sim Sport Club Corinthians Paulista, em homenagem a um club inglês chamado Corinthians, que se apresentou em S. Paulo.

miro da Costa, de posse transitória ou definitiva se um clube levantasse o tricampeonato. O São Paulo ficou com a taça porque foi campeão em 1902, 1903 e 1904.

1903 - Campeão europeu dos 1.500 metros e em outras provas de atletismo, Hermann Friese veio para o Brasil como imigrante. Ingressou no Germânia, clube de alemães, onde se valeu de seu preparo físico para se transformar no primeiro ídolo do futebol paulista. Valeu-se muito de "marreta" (jogo de corpo), desconhecida pelos brasileiros e que suscitou muitas dúvidas quanto a sua legalidade.

1904 - O campeonato passa a contar com o sexto clube, a A.A. das Palmeiras, de uniforme branco e preto.

1905 - Um fato que não ficou bem explicado foi o sumiço da Taça Casimiro da Costa. Ela foi parar numa casa de câmbio da Capital, onde ficou na caixa-forte e só depois de algum tempo devolvida ao São Paulo. Ao que tudo indica, algum torcedor fanático, com medo de que o clube tivesse de a devolver à Liga, fez a taça desaparecer.

1906 - Jogadores varzeanos do Vitória A.C. e C.D.R. Internacional e alguns ex-sócios do Germânia fundaram o Club Athletico Ypiranga, que algumas décadas depois seria apelidado de "Vovô da Colina Histórica".

1907 - No dia 25 de agosto, no Velódromo acontece o jogo Seleção Paulista 4 x Seleção Carioca 1, o lançamento de um empreendimento que se constituiria nas raízes do futuro Campeonato Nacional. Neste ano o Paulistano inova, contratando o técnico inglês John Hamilton que implanta novas técnicas na equipe, inclusive nos times juvenis.

1908 - Em substituição ao futebol de choque de Friese, surge Rubens Salles, 1m48 de altura, dono de toque, malícia e de lançamentos para o ponteiro Joaquim Prado, do tipo Zito-Pelé de 50 anos depois.

1909 - Aparece Arthur Friedenreich, grande artilheiro que jogou até 1935, quando já tinha 43 anos de idade.

1910 - Um grupo de jovens, reunidos num salão de barbeiro da rua dos Italianos esquina com a rua Conceição, de pro-

1911 - Após a conclusão de ferrovia que ligava São Paulo ao Rio Grande do Sul, o futebol paulista manteve os primeiros contatos com os uruguaiois. Desses contatos, o Americano obteve a contratação dos irmãos A. e J. Bertone, que ajudaram o clube santista a se tornar um grande campeão em 1912, sem perder um único jogo.

1912 - A 14 de abril, nos salões do Club Concordia, situado à rua do Rosário, é fundado o Santos F.C., que deveria se chamar Concordia F. C. em homenagem ao clube que o recepcionava.

1913 - O Paulistano, que já mantinha divergência com a Liga por causa do elitismo no futebol (queria o futebol apenas para jogadores "distintos e delicados"), deixa a Liga e, juntamente com outros clubes, funda a Associação Paulista de Sports Athleticos, mais conhecida por APEA. O motivo final dessa decisão foi o jogo Americano x Paulistano, que a Liga decidiu transferir do Velódromo para o Parque Antártica. Isso fez com que o Paulistano esperasse o adversário no Velódromo e o Americano, no Parque Antártica. Não houve jogo e a Liga deu os pontos para o Americano.

Em represália o Paulistano fundou a APEA.

1914 - Com gol de Rubens Salles, a Seleção Brasileira ganha a "Copa Roca", em jogo disputado no estádio do Gimnasia y Esgrima, em Buenos Aires. Leonardi empatou, usando a mão, o juiz brasileiro Alberto Borghet não viu e validou o gol. Gallup Lanús e outros jogadores argentinos apressaram-se a mostrar que o gol foi irregular. O juiz reformulou a decisão e o jogo terminou 1 a 0. Naquela época aconteciam coisas assim, até mesmo entre brasileiros e argentinos ou brasileiros e uruguaios. A 26 de agosto é fundada a Societá Palestra Itália.

1915 - Em São Paulo é fundada a Federação Brasileira de Futebol com pretensões de filiação junto à FIFA. Manobras políticas esvaziaram o projeto e a entidade teve de se fundir à Federação Brasileira de Esportes, do Rio, que se tornaria depois a CBD. Perdeu-se a chance de comandar o futebol brasileiro.

1916 - Surgem Heitor e Mario Andrada, que viriam a se tornar grandes nomes do futebol brasileiro.

1917 - Incentivados pelos uruguaios Juan Barbat e Geraldo Sientra, dirigentes do Dublin de Montevideo, os homens da Liga e da APEA concordam em elaborar projeto que resultaria na fusão da Liga com a APEA e terminaria com a cisão que se prolongava há vários



Equipes do São Paulo Athletic e do Paulistano em 1902.

anos no futebol paulista.

1918 - O Brasil programara o II Campeonato Sul-americano, mas a Gripe Espanhola estragou tudo. Friedenreich, Amílcar e Neco haviam recebido um conto de réis para as despesas por terem sido convocados pela CBD. Como não houve o torneio, a entidade quis o dinheiro de volta e os jogadores alegaram já terem gasto. A APEA foi em favor deles e quase acontece rompimento sério com a CBD.

1919 - Após vencer o Chile (6 a 0) e a Argentina (3 a 1), o Brasil decide com o Uruguai o Campeonato Sul-americano disputado no Rio de Janeiro. Jogo duro no dia 29 de maio, que termina 0 x 0. Na programação ou-

tro empate sem gols e na nova prorrogação de 30 minutos (era do regulamento) Friedenreich faz o gol da vitória e ganha dos uruguaios o apelido de "El Tigre". Sua chuteira ficou exposta em loja da rua do Ouvidor. Nas ruas o povo parodiava o "Oh, abre elas" de Chiquinha Gonzaga: "Os dianteiros/ fazem entrar/ tiros certos/ de assombrar/ Fried e Neco/ pintam o caneco".

1920 - A 14 de agosto é fundada a Portuguesa de Desportos. O Comercial de Ribeirão Preto ganha o apelido de "Leão do Norte", após excursão invicta ao Norte, onde disputou 7 jogos, venceu 6 e empatou 1. O Palestra Itália sagra-se campeão paulista.



Os escudos das 5 equipes que disputaram o primeiro campeonato.

Uma década de acertos e discórdias

O futebol de São Paulo viveu um período tumultuado, com muitas cisões. Mas os principais clubes registraram vários acontecimentos históricos.

Oswaldo dos Santos

1921/1930

Cáser Líbero, que batalhou pela pacificação em A Gazeta.



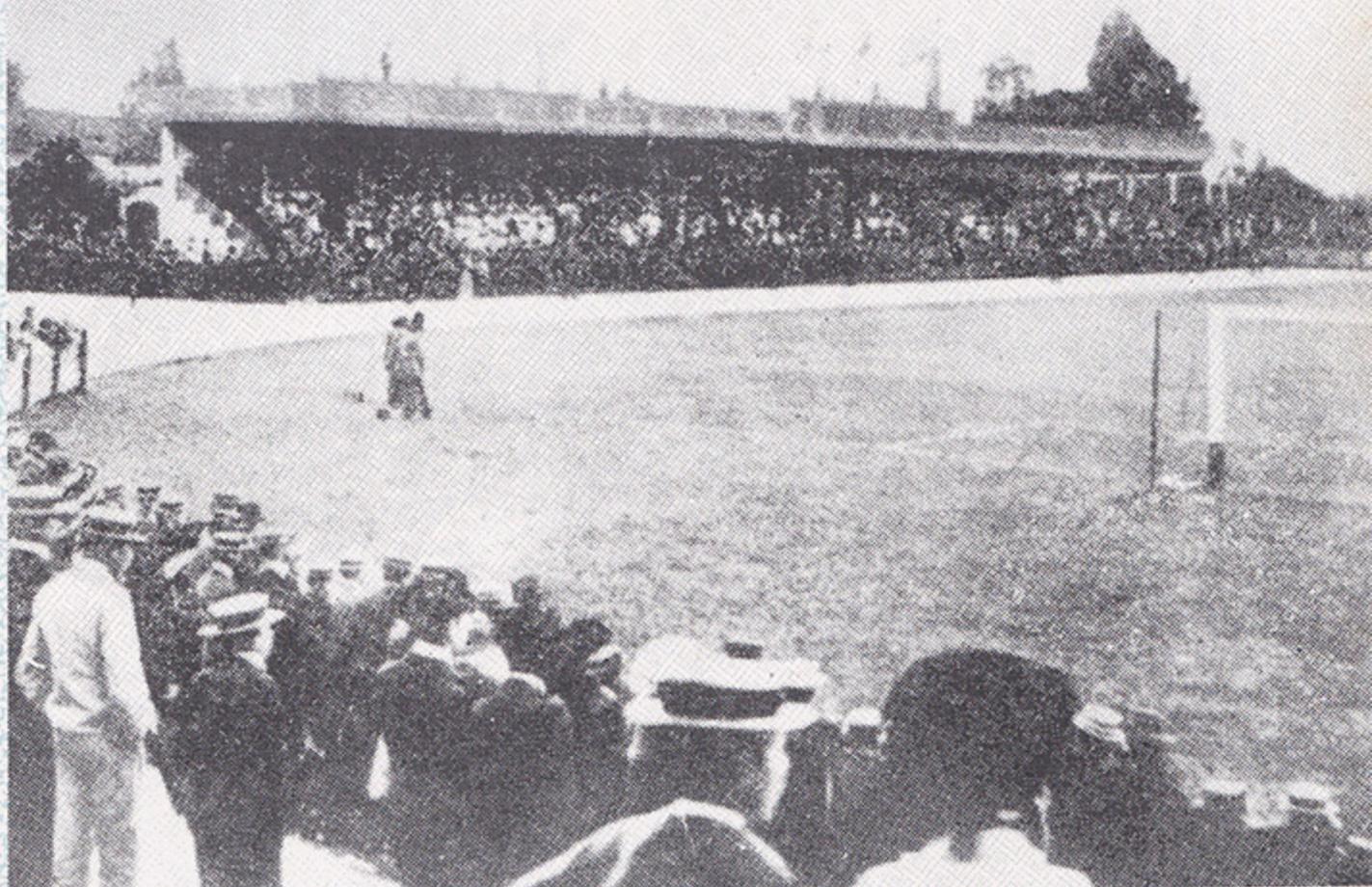
Nos anos 20, o futebol em São Paulo não foi disputado com tanto romantismo, como sugerem os historiadores. O chamado *pebol*, ainda elitizado na época, cerceado para a classe pobre e discriminado para os negros, viveu um período de inúmeras cisões, com um irrefreável envolvimento político, carregado de um incontrolável passionalismo, próprios dos grupos que almejam unicamente conquistas.

Um período de muitos contrastes. Se no setor administrativo as lutas entre os dirigentes eram ardorosas, com constantes ameaças à sobrevivência da APEA, no campo de jogo o futebol resplandecia, arrancando aplausos e provocando incríveis vibrações de platéias denotadamente selecionadas nos antigos estádios do Velódromo e Parque Antártica. Nos anos 20, o glorioso S.C. Corinthians Paulista conquistou dois tricampeonatos (22-23-24) e (28-29-30); o Paulistano abriu fronteiras para o Brasil no Exterior, com a sua pioneira e vitoriosa excursão através dos países europeus, ao mesmo tempo em que grandes artilheiros, como Ar-

thur Friedenreich, Feitiço, Neco e Araken Patuska se notabilizavam.

A despeito de todos os entraves gerados pelas discordâncias políticas, nos anos 20 já se ensaiava a Lei do Acesso, que acabou sendo decretada nos anos 40 pelo saudoso e emérito presidente da FPF, Roberto Gomes Pedrosa. Em 1921 aconteceu o primeiro desagravo. Pequenos clubes da Capital, discordando dos métodos adotados pela APEA para o acesso à Divisão Principal, decidiram constituir uma outra entidade esportiva, a Federação Paulista de Desportos. Esta, porém, teve pouco tempo de vida. O campeonato independente que ela realizou foi um fracasso, e os clubes dissidentes acabaram se refiliando à APEA.

Em 1924, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) procurava dar sinais de organização, modificando os



O velho campo do Velódromo na Rua da Consolação.

seus estatutos e estabelecendo um rígido código disciplinar. Tanto que, no decurso do Campeonato Paulista, o Palestra Itália não se conformou com a punição imposta a alguns de seus jogadores, retirando-se intempestivamente da competição. Mas, neste ano, a APEA organizava vários campeonatos simultâneos (Máximo, 2.^a Divisão, Interior, Municipal e Liga Santista). Muitas agremiações estavam filiadas. Um início de crescimento, visão e prosperidade do futebol, ufanavam-se os dirigentes.

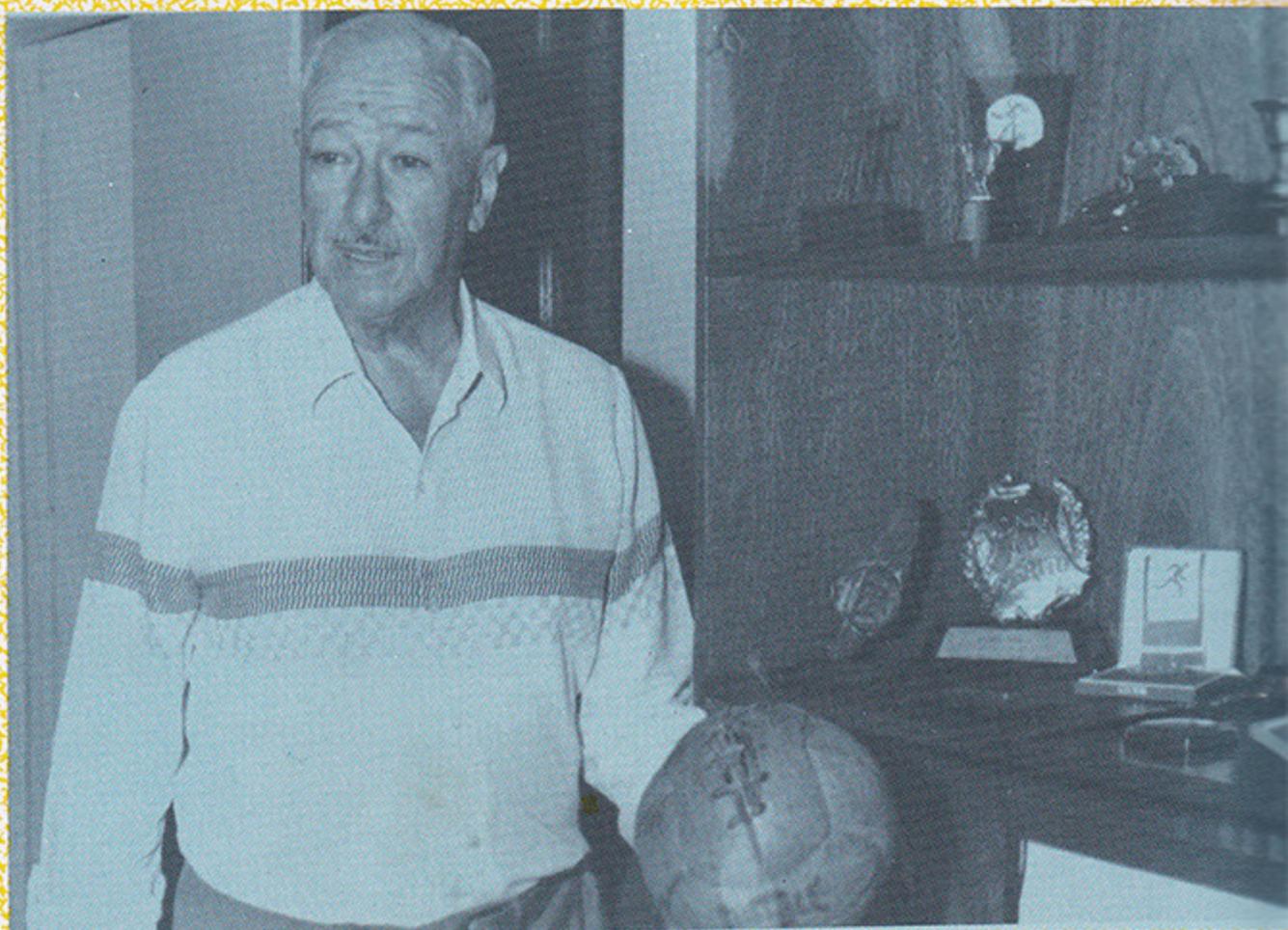
Mas, o ano seguinte, o influente C.A. Paulistano, dirigido por homens conceituados na sociedade e na vida pública, provocou uma nova e tormentosa dissidência. O clube do Jardim América, inconformado com o resultado final do campeonato de 1925, conquistado pela A.A. São Bento, e pretextando um falso amadorismo entre as demais agremiações, abria luta para a fundação da Liga de Amadores de Futebol, que perdurou entre 1925 e 1930. Estava estabelecida mais uma "guerra" em São Paulo, com a APEA abrindo baterias contra os clubes que formavam a nova Liga. A partir de então, passaram a ser disputados dois campeonatos paralelos. Em 1926, o predominante Paulistano ganhava o título na disputa com os seus acompanhantes no grupo dissidente, ao passo que o Palestra Itália vencia o campeonato da APEA, mais forte e melhor organizado.

Em 1927 surgiram as piores consequências dessa cisão. Uma onda de boatos se espalhou por todo o Estado, dando conta de que os clubes mais populares, como Corinthians, Palestra e Internacional, estariam passando para a Liga, a exem-

plo do que fizera o São Bento, cuja diretoria demonstrava uma certa incoerência em sua atitude, já que este clube fora o pomo de discórdia na questão envolvendo o Paulistano. Mas as desinteligências serviam apenas para apimentar o molho de uma verdadeira salada a que submetiam o futebol paulista. A CBD, porém, só reconhecia a APEA, mas as suas determinações não eram devidamente obedecidas. Tanto que a cons-

tante troca de jogadores, que saíam com facilidade de um clube para outro, gerava uma verdadeira balbúrdia. Projetava-se, nos bastidores, a efetiva criação da Federação Paulista de Futebol, esboçada em 1921, e que só se configurou tempos mais tarde.

Em 1929, o doutor Cásper Líbero, diretor-presidente do jornal "A GAZETA", deu início a um importante trabalho de pacificação dos clubes. Uma



Araken Patuska:
ele e a
velha
bola de
futebol.
Duas
recordações.

Campeonato paulista, um dos maiores do mundo: 28 clubes distribuídos em duas séries com 14 cada uma.

histórica reunião na sede do jornal estabeleceu um entendimento, que redundou na unificação das entidades. Ainda em 30, disputaram-se os dois campeonatos paralelos, mas o campeão, Paulistano, sentindo-se contrariado em seus princípios, não só se afastou das atividades competitivas, como também dissolveu o seu importante time de futebol. Era o fim de uma agitada época, na qual predominaram as discórdias e as injunções políticas.



CONSTRUBASE

CONSTRUTORA DE OBRAS BÁSICAS DE ENGENHARIA LTDA.

RUA JUQUIS Nº 364 A 204 - CEP 04081 - TELEFONE (011) 241-6199 - TELEX 11 57388 - SÃO PAULO - SP

CGK

ENGENHARIA E EMPREENDIMENTOS LTDA.



UMA TORCIDA MUITO ORGANIZADA



Federação Paulista de Futebol

Em termos de estrutura, o futebol paulista começou a nascer, realmente, no fim da década de 30. Tudo em função de cisões entre clubes, CBD e entidades estaduais. Tecnicamente, o futebol paulista, nesse período, foi fantástico, revelando e mostrando alguns dos maiores valores da nossa história.

Em 1930, comandava o nosso futebol a Associação Paulista de Sports Athléticos. Nesse ano, o campeão foi o São Paulo. Palestra e Santos ficaram em segundo lugar. O notável Feitiço foi o artilheiro com 39 gols.

No ano de 1932, começava a prevalecer o futebol do Palestra Itália, o campeão da década. Nesse ano, o Palestra, comandado pelo fenomenal Romeu, foi campeão invicto sem nenhum ponto perdido. Romeu foi o artilheiro com 18 gols.



O notável Feitiço, ídolo e craque dos anos 30.

Enfim a paz: nasce a FPF.

Os anos da década de 30 foram marcados por cisões e o profissionalismo no futebol. Foram básicos, também, para o surgimento da FPF. A nossa Federação.

Fiori Giglioti

1931/1940

Em 1933, as coisas começaram a mudar. A APEA e a Liga Carioca assumiram o regime profissional, acabando com o falso amadorismo. Assim, separavam-se CBD e AMEA. Disso tudo, resultou a fundação da Federação Brasileira de Futebol, presidida por Murilo Meira. Também em 33, o Palestra imperava no campo de jogo. Foi campeão com 3 pontos perdidos. O artilheiro do campeonato

foi Waldemar de Brito, com 21 gols.

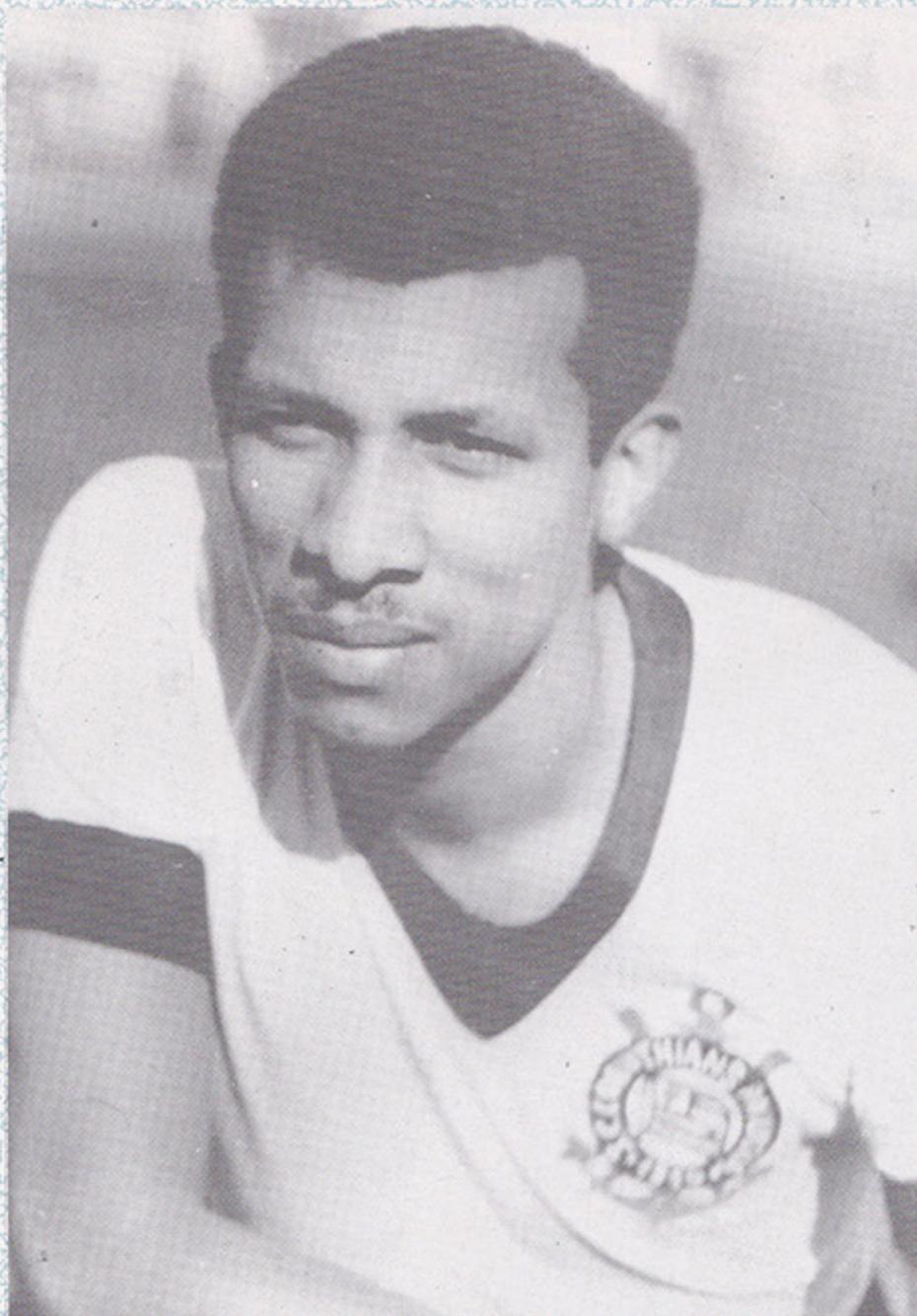
Em 34, ano de Copa do Mundo, as rachaduras foram aumentando. Prevaleceu um autêntico movimento separatista entre os grupos profissionais. A CBD, ainda amadora, convocou 4 jogadores do São Paulo. Os ventos de mudança também sacudiam o São Paulo, que trocava o Floresta pelo Tietê. E, mais uma vez, o Palestra Itália

ganhava o título de campeão paulista. O imenso Romeu de novo artilheiro, com 18 gols.

Em 1935, o futebol paulista teve dois campeonatos. Um da APEA e outro da Liga Paulista de Futebol. E os clubes se dividiram na participação dos dois certames. No campeonato da Liga, o Santos foi campeão. Teléco, o artilheiro, com 9 gols. No certame da APEA, Portuguesa e Ypiranga empataram e numa melhor de 3 pontos disputaram o título. A Portuguesa foi campeã. O artilheiro foi Figueiredo, do Ypiranga, com 10 gols.

Também em 36, os homens ainda não se entendiam e o futebol paulista continuava dividido com dois campeonatos disputados simultaneamente. Pela APEA, outro título para a Portuguesa. Carioca, da Lusa, foi o artilheiro com 10 gols. Pela Li-

**Teléco,
das
incríveis
viradas,
craque do
Corinthians,
o campeão
de 41.**



ga, de novo o Palestra campeão, ganhando do Corinthians numa grande final, por 1 a 0. Teléco foi o artilheiro com 9 gols. Nesse ano, o São Paulo mudava o rumo da sua vida e da sua história. Nascia o grande São Paulo Futebol Clube, estreando no dia 25 de Janeiro, contra a Portuguesa Santista, vencendo por 3 a 2.

Em 1937, com 15 gols do temível "matador" Teléco, o Corinthians ganhava mais um título de campeão. Em segundo o Palestra com 7 pontos perdidos. A briga do Palestra e do Corinthians pelo domínio da década era fascinante.

No ano de 1938, a Liga passou a chamar-se Liga de Football do Estado de São Paulo. O

Corinthians foi campeão invicto com 8 pontos perdidos. Mas o artilheiro foi Elíseo com 13 gols. Nesse ano surgia a fusão entre o São Paulo e o Estudan-

**A FPF surgiu
em 1941 e é,
hoje, a maior
Federação
das Américas.**

tes. Os atletas do Estudantes passavam a defender o tricolor.

Em 39, o endiabrado Teléco, com 32 gols, comandava o Corinthians na conquista de mais um título, deixando o Palestra na vice-liderança.

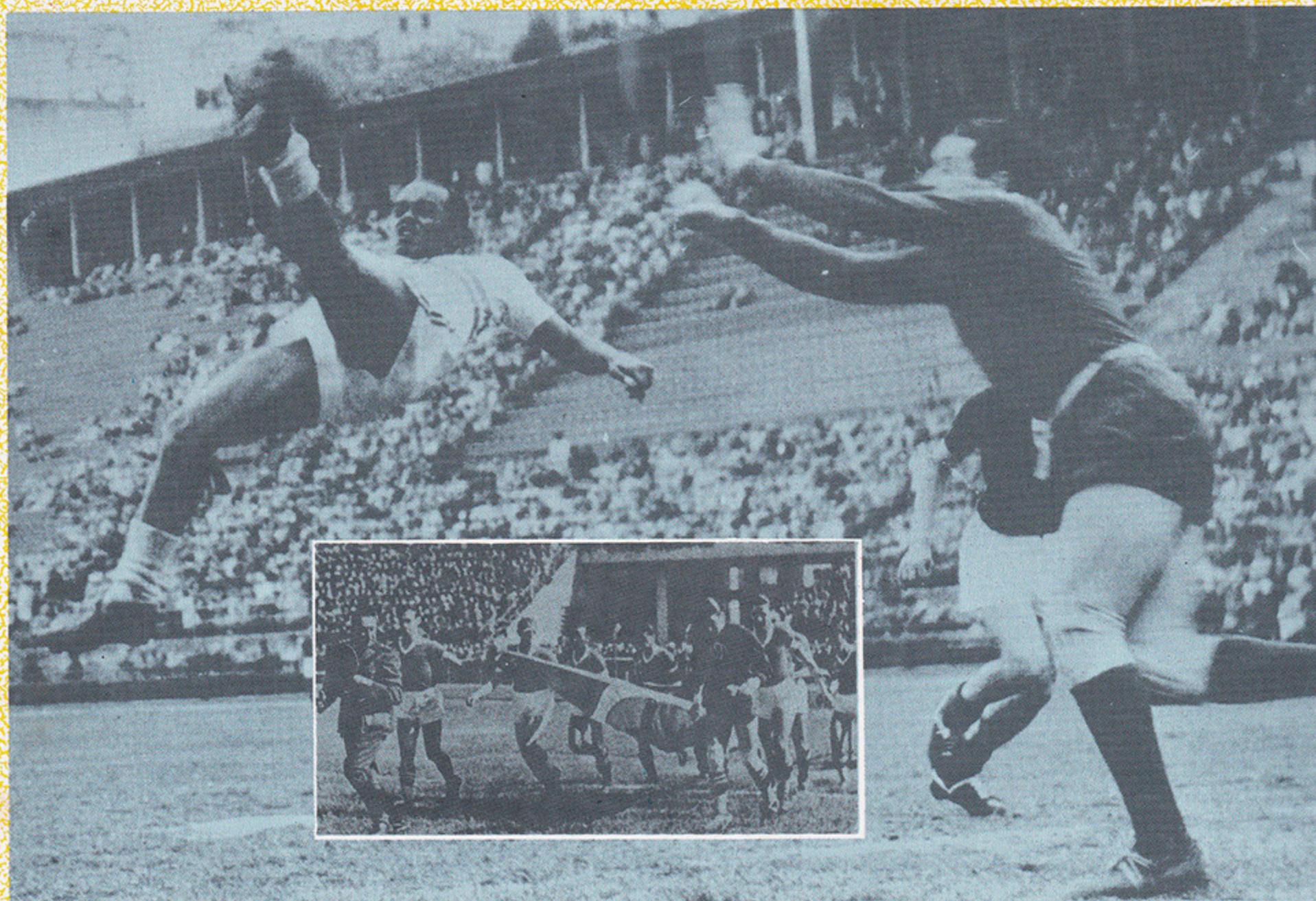
Foi em 1940, ganhando o título mais uma vez, que o Palestra Itália sacramentava a gloriosa conquista de campeão da década. O artilheiro nesse ano foi o ponteiro Peixe com 21 gols. Na década de 30, o grande conquistador foi o Palestra Itália, ganhando o título 5 vezes. O Corinthians foi campeão 4 vezes. Também na década de 30 a Portuguesa viveu seu período de glória, sendo campeã 2 vezes.

Foi em 41 que o futebol paulista encontrou seu verdadeiro destino. Nessa ocasião, foi fundada a Federação Paulista de Futebol, a mais forte e a mais importante do futebol brasileiro. Tudo passou a ser mais bem organizado. Crescendo também fora do campo, em termos de organização, o futebol paulista passou a se impor pela inteligência dos seus dirigentes e pela qualidade do futebol que praticavam nossos times.

E no primeiro certame, organizado pela Federação Paulista de Futebol, o Corinthians foi campeão, de novo contando com os gols do inesquecível Teléco. Nesse certame, Teléco fez 26 gols.

A história comprova que a década de 30, apesar dos problemas criados pelas cisões, foi um dos períodos de ouro do futebol paulista, quando Palestra e Corinthians se impunham, pela qualidade de seus times e, principalmente, pelo alto nível de alguns dos seus valores individuais.

Desastre do Brasil em 50



A famosa bicicleta de Leônidas e, no detalhe, o Palmeiras em campo em 1942.

Inauguração do Pacaembu, a mudança de Palestra para Palmeiras, a estréia de Leônidas, a perda do mundial. Foi uma década sensacional.

Antonio Guzmán

1941/1950

Em 1941, o Corinthians foi campeão paulista, e perdeu uma invencibilidade de 22 jogos no jogo final contra o Palestra Itália, que venceu por 2 a 0. Pela primeira vez na história do futebol paulista o time campeão entrou em campo com a faixa no peito. O Corinthians conquistou o título com Cyro; Agostinho e Chico Preto; Jango, Brandão e Dino;

Tito, Servílio, Teléco, Joane e Carlinhos. Armando Del Debio foi o técnico.

Em 1942, o São Paulo F. C. contratou Leônidas da Silva, a mais arrojada conquista da época. Ele, quando veio para o futebol paulista, estava com 29 anos de idade, e sua estréia deu-se no dia 24 de maio contra o Corinthians, jogo que terminou empatado 3 a 3. Nessa tar-

de foi estabelecido recorde de público no País, com 70.281 pagantes. O Pacaembu ficou superlotado. A ocorrência mais triste de 42 foi a pressão política sofrida pelo Palestra Itália para mudar de nome, a mesma coisa acontecendo com o Palestra de Curitiba e de Belo Horizonte, que tiveram sua denominação alterada para Curitiba e Cruzeiro, respectivamente.

Nesse ano, já com o nome de Palmeiras, aconteceu o "clássico" contra o São Paulo que entrou para a história do futebol paulista. O tricolor, que perdia por 3 a 1, abandonou o gramado. O Palmeiras venceu com

Oberdan; Junqueira e Begliomini; Zezé Procópio, Og Moreira e Del Nero; Cláudio, Valdemar Fiúme, Villadoniga, Lima e Etchevarrieta. O futebol paulista, em 1942, conquistou o título brasileiro. O jogo final foi realizado em São Januário, e no 1.º tempo os cariocas venciam por 3 a 1. Em uma "virada" histórica, os paulistas venceram por 4 a 3, jogando nessa tarde com o seguinte time: Oberdan; Begliomini e Junqueira; Jango, Brândão e Dino; Cláudio, Servílio, Milani, Lima e Pardal. Os gols de São Paulo foram marcados por Milani, Lima, Cláudio e Lima, pela ordem. No 1.º jogo, realizado no Pacaembu, Zizinho quebrou a perna de Agostinho, que nunca mais voltou a jogar futebol.

O primeiro time estrangeiro a jogar no Pacaembu foi o Libertad, do Paraguai, que perdeu para o Santos, por 5 a 1; Palmeiras, por 4 a 2, e empatou com o Corinthians, por 2 tentos.

Em 1943, o São Paulo F. C. foi campeão paulista. Joréca, que era árbitro, estreou como técnico do tricolor no "clássico" contra o Santos, jogo que venceu por 6 a 1, e ficou invicto até o final do campeonato. O seu time foi reforçado por Antônio Sastre, Florindo, Zezé Procópio e Zarzur.

Em 1944, houve a transferência do zagueiro-central Domingos da Guia para o Corinthians, na maior transação realizada por um clube brasileiro. Mas, nesse ano, o Palmeiras foi campeão paulista com Oberdan; Caiêira e Osvaldo; Og Moreira, Dacunto e Gengo; Gonzales, Lima, Caxambu, Villadoniga e Jorginho.

Em 1945, com uma superequipe, o São Paulo F. C. voltou a conquistar o título, reforçado

por Gijo; Renganeschi, Ruy Campos e Bauer. O bicampeonato aconteceu em 1946, e no jogo final o tricolor derrotou o Corinthians por 2 a 1, ficando de posse da Taça dos Invictos. Remo, Leônidas e Baltazar marcaram os gols, e o time campeão foi o seguinte: Gijo; Piolim e Renganeschi; Bauer, Ruy e Noronha; Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira.

Em 1947, numa grande festa esportiva e social, tivemos a visita do Boca Juniors, de Buenos

tal para a construção do Maracanã e, nesse mesmo ano, deu-se a inauguração do estádio da Ponte Preta, de Campinas. O São Paulo F. C., que possuía a melhor equipe do Brasil, com Vicente Feola como técnico, ganhou os títulos de 1948 e 1949, ano em que tivemos a visita do Arsenal, de Londres, que ganhou dois dos sete jogos realizados no País. O Campeonato Sul-Americano foi inaugurado no dia 3 de abril. O Brasil derrotou o Equador, por 9 a 1; Bolívia, 10 a 1; Chile, 2 a 1; Colômbia, 5



O Brasil da tragédia do Maracanã na Copa de 50.

Aires, que lotou o Pacaembu em todas as suas apresentações. O time argentino derrotou o São Paulo, por 1 a 0; o Corinthians, por 6 a 2, e empatou com o Palmeiras, 2 a 2. Em 47, ainda, Roberto Gomes Pedrosa assumiu a presidência da Federação Paulista de Futebol, ano em que o Palmeiras conquistou o título, com Oberdan; Caiêira e Turcão; Zezé Procópio, Túlio e Valdemar Fiúme; Lula, Arthurzinho, Osvaldinho, Lima e Canhotinho. O São Paulo F. C., que tinha 30 jogos invictos, perdeu para o C. A. Ypiranga, por 3 a 2.

No dia 20 de janeiro de 1948, foi lançada a pedra fundamen-

a 0; Peru, 7 a 1; Uruguai, 5 a 1; e, finalmente, Paraguai, por 7 a 0. O Brasil conquistava, assim, pela 3.ª vez, o título de campeão sul-americano. Um ano depois, com o Maracanã recebendo nada menos do que 200 mil pessoas, perdemos a final da Copa do Mundo para o Uruguai, por 2 a 1. O Brasil jogava pelo empate, abriu a contagem por intermédio de Friaça e, depois, deu "bobeira" em nosso time. Em 50, em São Paulo, o Palmeiras foi campeão paulista, jogando com Oberdan; Salvador e Osvaldo; Palante, Luís Villa e Turcão (Sarno); Lima, Aquiles, Liminha, Jair e Rodrigues.



Federação Paulista de Futebol

E surgiu um Rei, Pelé

Depois da tragédia do Maracanã, em 50, um gênio do futebol paulista faria a sua vingança: era Pelé, entre todos o rei.

Roberto Avallone

1951 a 1970

O menino Rei chora, na Suécia. Mestre Ziza, no detalhe, dava show de bola.



Como todo o Brasil, o futebol paulista também despertou para os anos 50 com uma ilusão e um desencanto. Era ano de Copa do Mundo e a ilusão ficava por conta da crença na Seleção campeã; seleção que começava por Barbosa, passava por Bauer e culminava com um irresistível trio formado por Zizinho, Ademir de Menezes e Jair da Rosa Pinto.

O desencanto, porém, veio no dia 16 de julho de 1950, quando os gols de Schiafino e Gigghia deram ao Uruguai o título insinuado para o Brasil pelo solitário gol de Friaça. Uruguai, campeão do mundo. Ao Brasil, o consolo de ter goleado a Espanha (6 a 1), a Suécia (7 a 1), inútil consolo para nós, sonhadores anfitriões que deixamos escapar a Copa das nossas mãos, em nossa casa.

Assim, depois da chamada "tragédia do Maracanã", teria morrido o futebol brasileiro e, com ele, o futebol paulista? Doce engano. Por aqui voltadas as paixões das arquibancadas para os clubes - maneira de esquecer



o desencanto da Seleção? - os estádios ficaram lotados para os clássicos e teve início uma certa reformulação de conceitos no futebol brasileiro. Flávio Costa deixara de ser o técnico todo poderoso; jogadores como Zizinho e Jair da Rosa Pinto foram esquecidos como donos da seleção e o espaço foi aberto para futuras revelações.

E enquanto corriam os campeonatos regionais (em São Paulo, o Palmeiras ganhara o título de campeão do Ano Santo e o Co-

ríntians provava que com raça e mística era possível ser bicampeão - Cláudio, Luizinho, Baltazar, Carbone e Mário no ataque dos 103 gols), surgiam também as revelações para a nova Seleção: surgia Gilmar dos Santos Neves, ágil e de muita personalidade para defender as nossas redes dos chutes inimigos; despontava Djalma Santos, lateral para ninguém botar defeito, espetacular com suas puxetas, seu vigor físico e sua colocação; surgiam volantes do nível de

um Dino Sani, clássico e estilista, e de Zito, comandante dos comandantes dentro de campo; no ataque, ainda nos anos 50, sem falar de Pelé (capítulo à parte, de tão extraordinário), o futebol paulista revelava craques como Julinho, da Portuguesa; Mazzola, do Palmeiras; e Pepe - o chute mais forte da Vila Belmiro.

Nesse meio-tempo, sofreríamos outro fracasso, com a Seleção perdendo a Copa em campos suíços, goleada pelos hún-

vidia com os homens que o auxiliaram - por exemplo, Paulo Planet Buarque, Flávio Iazzetti e o doutor Ari Silva, todos jornalistas experientes.

Nascia, então, com base em São Paulo, o espírito que nos daria o tricampeonato do mundo. Sim, o Brasil derrotado em sua própria casa, em 1950, encantaria o mundo em campos suecos (1958), chilenos (1962) e mexicanos (em 1970) - ainda que no México já não estivesse Paulo Machado de Carvalho.

um zagueiro podia ser clássico e vigoroso ao mesmo tempo; Didi, encaixava-se melhor, também nessas Copas, do que os chutes fortes de Jair e a fama de Mestre Ziza. Já Belo Horizonte daria ao Brasil, na Copa de 70, um centroavante inteligente e habilidoso, artilheiro e cerebral, que o mundo conheceria pelo apelido de Tostão; os gaúchos, em 70, no ano do tri, também teria orgulho de Everaldo, lateral sério e sem deboches, que ocuparia com honra a lateral-esquerda.

Ah, mas Pelé à parte, a alegria tomaria conta dos cariocas, nas Copas de 58 e 62, nos dribles mágicos de Mané Garrincha, o Charlie Chaplin do nosso futebol, o delírio dos estádios. Era sempre aquele drible - o drible mágico, pela direita, infernal, criando um João (bobo) atrás do outro nas Copas, fazendo às vezes de Pelé quando o Rei se machucou na Copa de 62 ao chutar forte contra as traves da Checoslováquia. Pelé, falei de Pelé... Pois falei do maior jogador de futebol de todos os tempos, nascido em Três Corações (Minas) no dia 23 de outubro de 1940, mas criado em Bauru (interior do Estado de São Paulo) e que deixou a camisa do paulista Santos marcada para todos os tempos, nos mais distantes lugares do mundo.

Pelé, o gênio de Deus.

Inútil tentar descrever Edson Arantes do Nascimento, pois que ele mesmo não consegue explicar Pelé - a quem atribui poderes divinos, enquanto jogador, enquanto craque e artilheiro. Edson jamais fala "eu", mas sim "Pelé", a entidade divina, como se os dois não fossem a mesma pessoa, ficando Édson com os dons terrenos e Pelé com a arte do sobrenatural.



Santos FC, o time mais famoso do mundo.

garos (4 a 2), pois a Hungria tinha mais time e mais confiança. O futebol paulista, porém, revelaria um senhor dirigente, Paulo Machado de Carvalho, que levaria a Seleção ao tetracampeonato brasileiro. De posse desses títulos, com sua experiência de campeão que fora pelo São Paulo e de líder de emissoras de comunicação, Paulo Machado de Carvalho seria o responsável pela formação do plano que levaria o Brasil à desforra da derrota de 1950. Astuto, convocou jornalistas no auxílio de seu plano, ganhando o apelido de *Marechal da Vitória*, glória que di-

Continuavam, porém, os seus mandamentos, segundo os quais não bastava ser craque para jogar na Seleção; era preciso, também, ter vergonha na cara e amar aquela camisa verde-amarela acima até das vaidades pessoais e do rico dinheirinho, naquela época nem tão farto por aqui.

Ao mesmo tempo, no Rio, durante os anos 50 e 60 e em Belo Horizonte e Porto Alegre, na época do tricampeonato (1970), afirmavam-se grandes craques: no Rio, a *Enciclopédia do Futebol*, o velho Newton Santos, nas Copas de 58 e 62, mostrava que



Federação Paulista de Futebol

Talvez fosse de Jair da Rosa Pinto, que o viu chegar para o Santos (em 1956), ainda com 15 anos, a melhor definição sobre Pelé: "Deus, quando inventou esse crioulo, jogou a fórmula fora". Não havia defeitos no futebol de Pelé: driblava como ninguém; cabeceava com arte de um Baltazar, o *Cabecinha de Ouro* (centroavante do Corinthians nos anos 50), chutava de direita e de esquerda, lançava com perfeição, inventava jogadas - o drible de *trivela*, as tabelinhas forjadas nas canelas dos zagueiros inimigos... E jamais teve medo de cara feia ou de zagueiro violento, unindo talento e força em seu futebol de gênio. Em seu livro, o meia-esquerda alemão Overath, campeão do mundo em 1974, escreveu: "O que mais me impressiona em Pelé não é o seu drible, nem o seu chute, nem os seus gols. O que mais me impressiona nele, é o seu olhar: olhar de selvagem, de fera acuada, que dá medo, que assusta". Bem, com seus gols, com seus dribles, com sua coragem, com seu olhar, Pelé fez mais de mil gols, foi tricampeão do mundo pela Seleção Brasileira, bicampeão do mundo entre os clubes pelo Santos (1962 e 1963), levando-o também aos títulos de campeão paulista de 1958, 1960, 61 e 62 (tricampeão); 1964, 1965 (bicampeão), ao novo tricampeonato de 1967, 68 e 69, dando de quebra meio título - dividido com a Portuguesa - em 1973, até se despedir da Vila Belmiro em outubro de 1974 para, depois, ganhar os dólares - que antes recusara da Europa - nos Estados Unidos, em defesa do Cosmos de Nova Iorque. E, tão grande o seu prestígio, teve o campeonato dos Estados Unidos média de público de 25 mil pessoas, pelo menos nos jogos



Futebol fino, elegante, Bauer - um dos astros do São Paulo e da Seleção Brasileira.

Futebol é festa; é a alegria do povo.

do Cosmos, inédita façanha para um futebol que, na Copa do Mundo da Itália, em 1990, não despertou o interesse de mais do que dois por cento dos telespectadores num país onde o beisebol, o basquete e o boxe são esportes muito mais populares do que o nosso chamado "Esportes das Multidões" (no Brasil). Nos Estados Unidos, só houve bilheteria enquanto jogou Pelé. Nem mesmo as tentativas com Beckenbauer e Cruyff deram resultado. Assim como o Brasil só foi campeão do mundo, quando o mineiro de nascimento - mas paulista de criação - esteve em campo. Quando, depois de Pelé, o Brasil voltou a ser campeão do mundo?

Pois que falem os contestadores, que digam não ter Pelé jogado toda a Copa do Chile,

em 1962. Mesmo assim, depois do seis gols marcados em campos suécos - em 1958 - (um contra o País de Gales; três contra a França; dois contra a Suécia, na grande final dos 5 a 2 para o Brasil), foi Pelé o autor do segundo gol contra o México em 1962 (vitória de 2 a 0, um gol de Zagalo e outro de Pelé), criando um parâmetro de qualidade suprido por Mané Garrincha e Amarildo. E em 1970, na gloriosa conquista do tri, além de marcar quatro gols, fez Pelé o papel de comandante - supremo, organizando as jogadas, tentando gols impossíveis. Era, então não mais o Moleque Saci dos anos 50. Era o *Pelé - homem - maduro*, com sua genialidade compassada. Assim como um guerreiro, reunindo suas forças restantes, na última batalha. Doce batalha da vitória final.



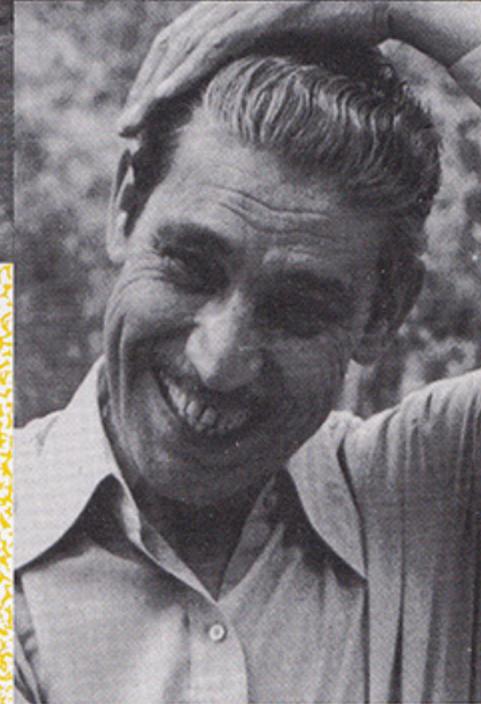
Federação Paulista de Futebol

O apogeu de uma geração de ouro do futebol brasileiro foi nos campos do México. No início da década de 70 levantamos a Jules Rimet pela terceira vez. Foi uma seleção maravilhosa, que encantou reis e plebeus no mundo inteiro. Se a década de 70, no seu início, nos cobriu de glórias com aquela Copa, quatro anos depois Pelé parava de jogar. O deus dos estádios, nos domingos, saiu, um dia, de campo, lá na Vila Belmiro, o grande templo do futebol brasileiro, num jogo com a Ponte Preta.

Perdemos o rei. O nosso futebol perdeu a majestade. De lá para cá, nenhuma Copa mais levantamos. Perdemos 74, 78, 82, 86 e 90. Na contabilidade de glórias, não tão importantes como a conquista de 70 no México, tivemos a Copa Independência em 72 e em 76 o Torneio dos Estados Unidos, este graças ao trabalho e à competência de Osvaldo Brandão.

Pelé, um menino que veio de Três Corações, enriqueceu o futebol paulista, brasileiro e mundial. Com a camisa 10, ele levou o Santos a conquistas memoráveis. Duas delas, na década de 60, com dois títulos mundiais.

A década de 70 teve outros feitos expressivos. O São Paulo, depois de 23 anos, conseguiu levantar o título paulista. Montou um grande time, com destaque maior para Pedro Rocha e Gerson, outro grande jogador da Copa do México. Não se diga que os outros times não eram fortes. Havia maior número de craques, os estádios lotavam para emoldurar os espetáculos de domingo, onde desfilavam Pelé - até 74 -, Zito, Mengálvio, Pepe, Dorval, Ademir da Guia, Servílio, Tupãzinho, Dino, Rivelino e tantos outros.



O adeus de Pelé, em 74, contra a Ponte Preta, na Vila Belmiro. No detalhe o velho mestre Brandão.

Sem Pelé, adeus majestade.

A década de 70 foi de ouro. O Brasil parou com a conquista no México e chorou, quando, numa noite em Vila Belmiro, Pelé deu o seu adeus.

Dalmo Pessoa

1971/1980

O São Paulo repetiu sua conquista em 71 e logo depois começou uma fase de ouro do Palmeiras - a famosa Academia. O Palmeiras ganhou três títulos - 72, 74 e 76 - e dois campeonatos brasileiros. Isto fez com que desse maior número de jogadores para a seleção, inclusive o treinador - o inesquecível Os-

valdo Brandão, derrubado por um golpe arquitetado pelo sr. André Richer, na volta da seleção do jogo com a Colômbia, nas eliminatórias.

No ano de 77, o maior campeonato da década com a conquista do Corinthians, 22 anos depois. São Paulo parou. Foi uma verdadeira loucura. A



Federação Paulista de Futebol

Ademir da Guia, com o seu futebol divino, comandou a Academia dos anos 70.



anos - o Grupo dos 13, movimento político do Interior, liderado por José Ferreira Pinto Filho, ganhou a eleição e mudou o futebol. Isto fez surgir times fortes no Interior. O Guarani foi campeão brasileiro em 1978. Em 86, a Inter levantou o campeonato paulista. A Ponte disputou títulos com o Corinthians e São Paulo.

Apesar de todos os preconceitos, com o Interior, o futebol cresceu. Mais do que isso: o Corinthians levantou um título 22 anos depois, na gestão político-administrativa do Grupo dos 13 - presidência de Alfredo Metidieri.

Ponte perdeu no gol de Basílio. Reconhecidamente, a Ponte tinha mais time. Ganhou o Corinthians o primeiro jogo e a Ponte faturou o segundo. E naquela noite no Morumbi não tinha outro jeito, senão a nação corinthiana explodir de alegria com a faixa no peito e o título na mão.

Foi um ano para a história do futebol paulista e brasileiro. O Corinthians levou 138 mil pessoas às bilheterias. Calculou-se um público total de 150 mil pessoas. A média de público do Corinthians chegou a 40 mil no campeonato.

Só que o Corinthians não soube capitalizar a sua conquista e, no ano seguinte, perdeu o título. O Santos foi campeão. O Corinthians se recuperou no ano seguinte, mas depois o São Paulo, dentro de uma moderna e reconhecida capacidade administrativa, fechou a década de 80 com o título e ganhou também em 81.

O futebol paulista viveu uma fase excelente de 70 a 81, graças ao crescimento econômico e

financeiro de seus clubes. Com patrimônio invejável, mesmo com custo operacional alto, os times investiam e conseguiam resultados expressivos, contribuindo muito para o futebol brasileiro, fornecendo seus melhores jogadores para a seleção.

Um detalhe interessante é que Pelé, depois de ter sido artilheiro durante 9 anos consecutivos no campeonato paulista, só foi goleador um ano na década de 70: no campeonato de 73, com 11 gols. No ano seguinte, ele parou. E o maior artilheiro de 71 a 80 foi Serginho, esse Macunaíma da bola, com 32 gols em 77, ano da grande conquista corinthiana.

A década 70-80 nos reservou dois fatos históricos: a mudança do eixo político do futebol. Depois do domínio político dos grandes João Mendonça Falcão e José Ermírio de Moraes Filho dirigiram a FPF durante 21



Carlos batido, Basílio comemora o seu gol que tirou o Corinthians da fila.



A rapidez da Justiça Desportiva

Constituição Federal de 88 reconhece a competência originária da Justiça Desportiva nas ações relativas às competições esportivas.

João Zanforlin

Embora nascida e organizada no regime do Estado Novo - 1941 e 1945 -, a Justiça Desportiva foi instituída para acabar com as decisões arbitrárias. Trocou-se a decisão conveniente do dirigente da entidade pela decisão pluralizada do Tribunal.

Nos seus 50 anos a Justiça Desportiva, sem ser ainda o modelo ideal, pois os Auditores deveriam ser remunerados, togados, concursados, evoluiu muito: abriu espaço para os Auditores Classistas, cujas vagas são preenchidas por indicação do Sindicato dos Atletas Profissionais; limitou o efeito suspen-

sivo dos recursos aos requisitos do bom direito e do perigo na demora; criou o Mandado de Garantia para evitar o abuso de poder de qualquer autoridade do esporte. O procedimento desse instituto é idêntico ao do Mandado de Segurança; diminuiu as instâncias dos Tribunais e fixou como última instância o Superior Tribunal de Justiça Desportiva da C.B.F.

Mais recentemente, a C.B.F., autorizada a legislar com independência e autonomia pela Constituição Federal de 1988, determinou a instalação do órgão especializado das Juntas Regionais Trabalhistas Desportivas (JRTD) para pro-

cessar e julgar os litígios decorrentes da relação de trabalho entre atletas e associações.

Outra vantagem da Justiça Desportiva, talvez a melhor, é a celeridade nas suas decisões: um ato de indisciplina no campo de jogo pode ser processado e julgado em 8 dias, uma ação trabalhista não demora mais que 30 dias para ser decidida.

Em São Paulo, o presidente da Federação Paulista de Futebol, dr. Eduardo José Farah, cedeu dois andares para a instalação e funcionamento da Justiça Desportiva. Além de amplas salas, o Tribunal conta com aparelho de vídeo e de televisão para a reprodução das provas eletrônicas, outra modernidade da Justiça Desportiva.

Por decisão da Ordem dos Advogados de São Paulo, somente profissionais habilitados podem funcionar junto ao Tribunal de Justiça Desportiva.

Como se vê, a Justiça Desportiva firma-se como Poder Judiciante e abre novos caminhos para a advocacia especializada.

DCI GRÁFICA

NESSE TIME SÓ TEM CRAQUE.

A DCI Gráfica tem uma equipe de profissionais especializados e a mais alta tecnologia para oferecer qualidade, agilidade e um excelente atendimento.

Por isso, se você precisa do melhor time em serviços gráficos, faça uma bela jogada e ligue para a DCI Gráfica.

Rua Dr. Almeida Lima, 1.384 - Mooca
Tel.: 948-5088 - Fax: 291-0896

DCI-Visão

um novo conceito editorial no país.

A mulher ocupa o seu espaço

Ano passado foi criada a diretoria feminina - outra inovação do futebol de São Paulo -, reunindo esposas de dirigentes para, com a sensibilidade natural da mulher, desenvolver projetos com o objetivo de angariar fundos para entidades assistenciais beneficentes e também unir e promover o conagração dos funcionários da FPF. Dona Elza Gebran foi a presidente, no ano passado, e hoje dona Josefina Farah ocupa o cargo.

Através de chás beneficentes a diretoria conseguiu verbas para o Hospital do Fogo Selvagem e em promoções junto a torcedores e dirigentes grandes quantidades de sabão neutro e lanolina para campanhas do Fogo Selvagem. Promoveu a Páscoa dos funcionários, distribuindo ovos e presentes e, no final do ano, a Festa de Natal, com o sorteio de valiosos prêmios, onde todos os servidores da entidade foram contemplados. Para este ano as campa-

TEÓFILO PEREIRA



A presidenta Josefina Zampietro Farah com as diretoras Laís Floret Nunes, Inês Mesquita Pimenta e Tereza D'Alessio.

nhas serão dirigidas em favor do Hospital do Câncer.

Chás e bazares estão programados. Páscoa e Natal serão festejados. E no aniversário dos filhos dos funcionários, até 15 anos, eles recebem um presente da diretoria, composta por Josefina Farah (presiden-

te), Laís Floret Nunes, Tereza D'Alessio, Magali Ferreira Pinto, Inês Mesquita Pimenta, Miriam Approbato Machado, Wayta A. M. Dalla Pria e Cláudia Carneiro Bastos.

Em todos os segmentos do futebol a diretoria tem obtido apoio e sucesso.

O painel dos fundadores da FPF



TEÓFILO PEREIRA

TEÓFILO PEREIRA



O artístico painel do saguão de entrada do edifício Roberto Gomes Pedrosa, com os distintivos dos 11 clubes fundadores da Federação Paulista de Futebol: Jabaquara, Nacional, Santos, São Paulo, Palmeiras, Corinthians, Portuguesa Santista, Portuguesa de Desportos, Juventus, Ypiranga e Comercial. O Palmeiras é o ex-Palestra, o Nacional o ex-SPR e o Ypiranga e Comercial da Capital encerraram as suas atividades futebolísticas.

LEMBRETE DA
POUPANÇA ESPECIAL
BANESPA
PRA QUEM
QUER TROCAR.

Se o modelo do carro vai ser deste ano, do ano que vem ou do ano passado, pode depender da Poupança Especial Banespa. Com ela, tudo o que é especial fica muito mais simples. Anote aí: não esquecer de depositar na Poupança Especial Banespa. Pensar numa viagem para comemorar.



LEMBRE-SE DE VOCÊ.
DEPOSITE JÁ.

POUPANÇA ESPECIAL
banespa

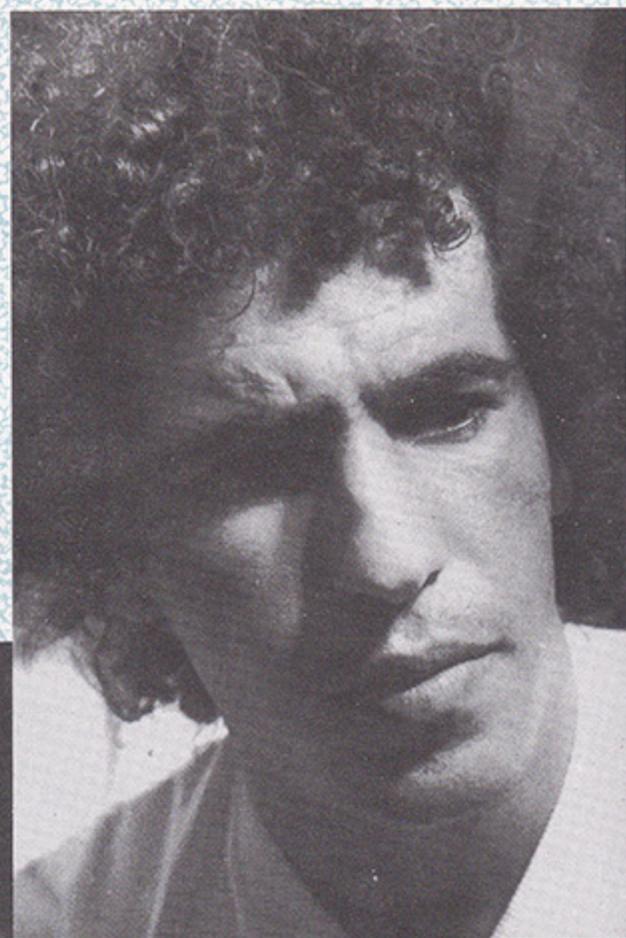
Grande elenco de talentos

Foi uma década marcada por grandes jogos. O futebol paulista apresentou jogadores que já fazem parte da história dos bons momentos.

Wanderley Nogueira

1981/1990

Sócrates, punho erguido, a festa do gol. No detalhe, Careca, artilheiro implacável.



O período de 1981 a 1990 foi farto de personagens importantes dentro do campo de futebol. O futebol de São Paulo gerou manchetes, alimentou o coração de milhares de torcedores e apresentou jogadores com todos os tipos de virtudes. Nem mesmo as cinzentas disputas políticas e os dribles e chutes nos bastidores conseguiram diminuir a luminosidade de vários jogadores que atuaram na década. Alguns ainda resistem.

É impossível derrotar o talento. Se um homem escrever um livro melhor, pregar um sermão melhor ou fazer uma ratoeira melhor do que seu vizinho, poderá construir sua casa no meio da floresta, que o mundo inteiro abrirá caminho até a sua porta. Vários jogadores que atuaram no período pelo futebol paulista fizeram o melhor.

Sócrates teve uma passagem que jamais será esquecida por aqueles que amam o futebol e não são alienados. O "doutor" esbanjou talento, inteligência, rebeldia e contestações. Exerceu uma atividade política - o



tempo todo - dentro e fora dos estádios com seu calcanhar mágico e com suas opiniões lúcidas e contundentes.

Leão foi um jogador diferenciado. Goleiro eficiente e muitos títulos conquistados, marcou pela personalidade forte e pelo amor à disciplina. Um dia, certo atacante afirmou que "ele aprendeu a dizer com os olhos coisas que outros gastam tem-

po pondo em palavras".

Serginho sempre foi acostumado a fazer gols. Jamais esteve em forma ideal. Sempre teve pavor de treinamentos físicos, mas sempre foi a arma mais eficiente de técnicos e times. Acusado de ser indisciplinado convicto, o atacante foi um dos grandes artilheiros da década e uma presença constante nos Tribunais.



Leão e Luís Pereira marcaram época na defesa do Palmeiras.

Pita tocou a bola com enorme carinho. Dribles bonitos, passes doces e gols com talento irretocável. Assistir partidas deste jogador introvertido era viver o instante da criação de um artista. Tudo que fazia em campo tinha toques sofisticados e elegantes. Ajudou o fortalecimento da década paulista.

Oscar marcou pela credibilidade. Palavra de *Oscar* era a palavra da verdade dentro do futebol paulista. Defensor eficiente, cabeceador emérito e um dos grandes destaques do futebol de São Paulo. Comprovadamente levou a profissão a sério e serviu de exemplo para muitos jogadores que estão em atividade.

Rodolfo Rodrigues foi o líder do Santos no período. Uruguaio carrancudo dentro do campo e capaz de segurar o ataque inteiro do adversário. Goleiro temido e responsável por grandes resultados conseguidos pela equipe. A torcida santista o aplaude até hoje e sua passagem pela Vila Belmiro fez o futebol paulista mais forte, competitivo e marcado pela garra.

Dario Pereira, outro uruguaio extraordinário. Técnico, fino, elegante com a bola nos



pés. O zagueiro que chegou a ter fã clube em São Paulo e que viveu grandes momentos dentro do futebol paulista. Foi assunto de páginas esportivas e ocupou espaços nas emissoras de TV e de rádio pelo talento e eficiência.

Luís Pereira foi outro sucesso neste período que estamos abordando. Veloz, hábil, liderança nata e uma vontade imensa de vencer. O zagueiro, na opinião de apaixonados torcedores do Palmeiras, merece um busto no Palestra Itália. Opiniões comprovadamente racionais o apontam como o melhor zagueiro da história do clube.

Careca, um centroavante implacável. Desfilou pelos gramados de São Paulo numa década que foi poderosa. Fez crescer a torcida do São Paulo, assumiu a condição de titular indiscutível da Seleção do Brasil e fez gols arrasadores. Foi, na década, o principal atacante do futebol brasileiro.

Müller destacou-se entre os meninos lançados pelo São Paulo. É impossível vencê-lo na velocidade e também teve passagem marcante num período em que não faltavam personagens para torcedores e imprensa.

Neto, o melhor cobrador de faltas da década. Lançador preciso e autor de gols decisivos. É outro jogador que faz parte de uma década dourada do futebol paulista.

Muitos outros jogadores poderiam ser citados como participantes brilhantes de uma década robusta do futebol paulista. Mas, sem dúvida, os lembrados representam com elegância os ausentes não menos destacados.

Dentro do campo o futebol de São Paulo entre 81 e 90 arrancou aplausos e apresentou jogos inesquecíveis. Tomara que nos próximos 10 anos alguém tenha um elenco tão poderoso para enaltecer como arquitetos de um esporte que diariamente ultrapassa os desorganizadores de plantão. Diante do futebol ninguém deve ser indiferente. Seria um pecado.

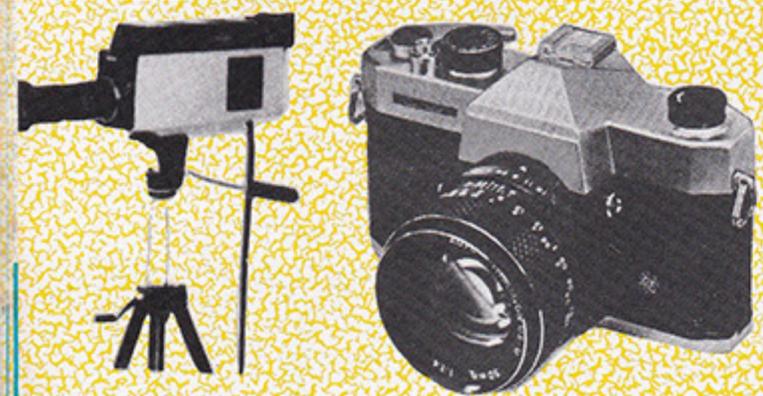
Os indiferentes nunca fizeram e nunca farão a história.

Futebol paulista: quem ganha no campo, leva.

Uma imprensa independente

A crônica esportiva de São Paulo nunca abriu mão de sua independência e entrou para a história através do projeto que deu duas Copas ao Brasil

Sérgio Carvalho



A crônica esportiva de São Paulo teve um passado tão brilhante quanto é o seu presente, e, certamente, terá um futuro digno de suas tradições. Composta por profissionais sérios, de competência indiscutível e de uma independência a nível de primeiro mundo, ela dá seu recado na hora certa, e jamais se intimida, mesmo quando as pressões parecem irresistíveis.

Durante os últimos noventa anos ela foi, sem dúvida, um dos maiores motivos da força do futebol paulista. Não fossem suas cobranças, suas denúncias e suas soluções para problemas aparentemente insolúveis, e, certamente, o chamado esporte das multidões em São Paulo, não seria como é hoje, o mais forte e organizado do País.

Para que se tenha uma ideia da importância da crônica esportiva paulista para o futebol do Estado, basta lembrar que, quando Roberto Gomes Pedrosa, então presidente da FPF,

resolveu construir uma sede digna da representatividade da entidade que dirigia, pediu o apoio dos jornalistas e radialistas esportivos da época, e, graças a uma campanha feita por eles, conseguiu os recursos necessários para erguer o até hoje imponente edifício da avenida Brigadeiro Luis Antonio.

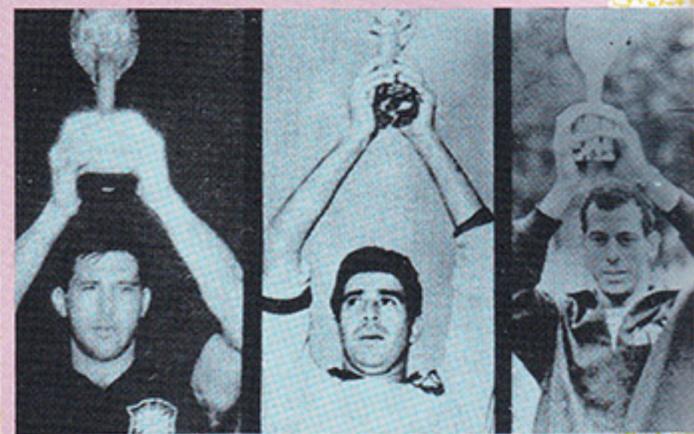
Mas a crônica paulista não foi competente apenas neste episódio. Ela mostrou que também tinha condições de ajudar o futebol brasileiro, ao criar, através dos jornalistas Ari Silva, Flávio Iazzetti e Paulo Planet Buarque, o projeto que nos deu os títulos mundiais de 58 (na Suécia) e 62 (no Chile).

De lá para cá, esta crônica esportiva só cresceu, ampliando seus espaços nos jornais, rádios e emissoras de TV. Seus profissionais cobrem tudo, desde o velho romântico futebol, até os esportes mais radicais.

É a maior prova de seu poder de comunicação e versatilidade, o que justifica sua fama internacional de ser, no momento, a imprensa modelo do Brasil, e a principal de todo o continente sul-americano. Com toda a justiça.



Os capitães do tri



Os capitães do *tri*, Bellini (58-Suécia), Mauro (62-Chile) e Carlos Alberto (70-México), foram astros do futebol paulista e capitães em suas equipes. Bellini, no São Paulo; Mauro no São Paulo e no Santos; Carlos Alberto, no Santos. Na foto eles seguram a verdadeira Jules Rimet, a deusa alada de ouro, que o Brasil conquistou em definitivo no México e que, anos mais tarde acabou sendo roubada da sede da CBF, onde hoje está uma réplica, também em ouro guardada nos cofres.

São 60 funcionários, competentes e dedicados



Através de moderna técnica administrativa, a Federação Paulista de Futebol emprega 60 funcionários, competentes e dedicados, importantes no sucesso da entidade através dos anos. Na comemoração de 90 anos de futebol em nosso Estado, na pessoa de João Atalla (foto), gerente técnico e administrativo e um dos mais antigos funcionários da FPF - admitido em 1954 -, abraçamos todos aqueles que trabalharam e trabalham na casa do futebol.

FUTEBOL DO FUTURO

1992 - NOVENTA ANOS DO FUTEBOL NO BRASIL

O MUNDO TEM PRESSA, VAI VOANDO RUMO AO AMANHÃ!

Aí vem o século XXI, cheio de esperanças de uma vida mais saudável que terá como prioridade o lazer.

Eis porque a DRIBLE conduz suas pesquisas na busca de produtos mais duráveis, mais confortáveis e inofensivos ao meio-ambiente.

Assim é que surge a DRIBLE-AMÉRICA SÉRIE OURO 2001 - a bola mundial da DRIBLE.

Revestida de material indeformável (que lhe dá maior vida útil), ela é a mais econômica e a mais bonita das bolas.

DRIBLE AMÉRICA SÉRIE OURO 2001, amarela, mais visível, para quem joga e quem assiste, é a bola do terceiro milênio, a bola do futuro que chega antes aos nossos gramados. Lançada hoje, porque a DRIBLE (que já viveu metade dos 90 anos do futebol do Brasil) faz de tudo para continuar sendo a melhor.

DRIBLE-AMÉRICA SÉRIE OURO 2001 produzida para atender a você, atleta amador ou profissional, na proporção direta do seu talento.



DRIBLE®

**A MARCA OFICIAL
DAS FEDERAÇÕES**

FOTO: TEÓFILO PEREIRA - ARTE: A GRAPHITE



Arbitragem séria e competente

Desde que surgiu no cenário, a figura do árbitro é a mais polêmica do futebol. Em São Paulo a arbitragem tem apoio e retaguarda. Daí o alto nível.

Lucas Neto



Romualdo Arpi Filho

Armando Marques

O *Harpastum*, praticado pelos soldados de Júlio Cesar, é o tataravô do futebol. Praticavam-no os soldados romanos entre uma batalha e outra para a tropa manter a forma. Uma bola disputada a socos, pontapés, cabeçadas no corpo dos adversários. Ao final dos treinos se o balanço indicava menos de 25 mortes, conta-se, o guerreiro Júlio Cesar dizia que "Harpastum está virando jogo para mulheres". Bem antes de Cristo, na China, jogou-se um tal de Tsu-chu, cujo objetivo era passar uma bola re-



cheada de capim por dois bambus fincados no chão e ligados por uma corda. É, todavia, o Calcio Fiorentino, praticado em Florença na Idade Média, o pai do futebol.

Em 26 de outubro, numa taberna londrina (Freemasson's Tavern), em 1863, nasceu o *Foot-ball Association*, jogado só com os pés, diferenciando-se do rugby e dele se separando, definitivamente. Nesse dia decidiu-se que cada time teria 11 jogadores e um mínimo de 7. Arthur Pember foi eleito presidente da Associação de Clubes de Futebol da Inglaterra e primeiro *cartola* (dirigente) do novo esporte.

Em 1865 definiu-se o peso da bola (453 gramas máximo e 396 mínimo). Dois anos depois marcou-se o tempo de jogo: uma hora corrida e mudança de lado a cada gol marcado. Só em 73 se permite ao goleiro o uso das mãos (achou-se um lugar para os pernas-de-pau das linhas).

Em 1878 surge a figura do **ÁRBITRO**. Antes, os jogadores acusavam as suas infrações, o que dava origem a muita confusão. Até 81 o árbitro usava uma bandeirola para assinalar infrações. Nesse ano, depois de muita discussão, deu-se o apito ao personagem, o que tem a pior das missões em um campo de futebol.

Xingado, inescrupulosamente caluniado, o árbitro é um sacerdote. Sem ele não há futebol. E, para provar como é difícil essa sua missão, quando ele vai bem, acerta em todas as suas decisões, sai de campo ignorado, sem aplauso, sem reconhecimento.

São Paulo, sempre pioneiro, recebeu as primeiras bolas na bagagem de Charles Miller; estatutos e regras vieram com



Federação Paulista de Futebol



A LEI DE ACESSO

A Lei de Acesso, criada em 1947 e implantada a partir do campeonato de 1948, foi outro marco importante da administração de Roberto Gomes Pedrosa. O XV de Piracicaba foi o primeiro campeão a ganhar o acesso. O Guarani, que subiu em 49 tem o recorde de permanência na Primeira Divisão: nunca foi rebaixado.

Os que subiram:

- 1948 - EC XV de Novembro (Piracicaba)
- 1949 - Guarani FC (Campinas)
- 1950 - Radium FC (Mocóca)
- 1951 - EC XV de Novembro (Jaú)
- 1952 - CA Linense (Lins)
- 1953 - EC Noroeste (Bauru)
- 1954 - EC Taubaté
- 1955 - A. Ferroviária E (Araraquara)
- 1956 - Botafogo FC (Rib. Preto)
- 1957 - América FC (S.J. Rio Preto)
- 1958 - Comercial FC (Rib. Preto)
- 1959 - EC Corinthians (Pres. Prudente)
- 1960 - AE Guaratinguetá
- 1961 - A. Prudentina EA
- 1962 - EC São Bento (Sorocaba)
- 1963 - América FC (S.J. Rio Preto)
- 1964 - AA Portuguesa (Santos)
- 1965 - CA Bragantino
- 1966 - A Ferroviária E (Araraquara)
- 1967 - EC XV de Novembro (Piracicaba)
- 1968 - Paulista FC (Jundiaí)
- 1969 - Ponte Preta (Campinas)
- 1970 - EC Noroeste (Bauru)
- 1971 - Marília AC
- 1972 a 1975 - Não houve acesso
- 1976 - EC VX de Novembro (Jaú)
- 1978 - AA Internacinal (Limeira) e AE Velo Clube (Rio Claro)
- 1979 - EC Taubaté
- 1980 - São José EC
- 1981 - EC Santo André
- 1982 - CA Taquaritinga
- 1983 - EC XV de Novembro (Piracicaba)
- 1984 - EC Noroeste (Bauru) e Paulista FC (Jundiaí)
- 1985 - Moji Mirim FC e GE Novorizontino
- 1986 - Bandeirante EC (Birigui) e EC Noroeste (Bauru)
- 1987 - União São João FC (Araras) e São José EC
- 1988 - CA Bragantino e GE Catanduvense
- 1989 - Ferroviária A Ituano (hoje, Ituano) e AA Ponte Preta (Campinas)
- 1990 - Olímpia FC, Rio Branco EC (Americana), Marília AC e GE São-carlense
- 1991 - AE Araçatuba



Uma das primeiras aulas da Escola. Aparecem Geraldo José de Almeida, Waldemar Albien, Ari Silva (1.º diretor), Flávio Iazzetti (professor-fundador) e João Carvalhaes (psicólogo).

Hans Nobling (alemão). Egidio de Souza Aranha, do C.A. Paulistano (os árbitros pertenciam aos clubes), apitou a primeira partida oficial do campeonato paulista: Mackenzie 2 x Germânia 1, em 1902.

Arthur Friendenreich, craque da história do futebol brasileiro, foi árbitro; Jorge de Lima, técnico do São Paulo dos esquadrões dos anos 40 foi excelente árbitro.

Seguindo o pioneirismo, a Federação Paulista de Futebol no final da década de 40 criou a Escola de Árbitros, cujo primeiro curso regular aconteceu em 53 e de lá até hoje diplomou novos árbitros todos os anos. Hoje, ela leva o nome de Flávio Iazzetti, um de seus idealizadores ao lado de Ari Silva, seu companheiro de crônica esportiva, e de Leopoldo Santana, que antes da criação da escola dava cursos esporádicos de arbitragem. À frente da FPF, Roberto Gomes Pedrosa determinou a ida de Iazzetti a Londres, em 1947, para fazer o curso de Instrutor de Árbitro da FIFA. Boa arbitragem em São Paulo é

tradição. Os árbitros paulistas, através dos anos, são os mais requisitados por federações de outros Estados para apitar os seus jogos decisivos.

Para formar essa base de arbitragem a FPF trouxe em décadas passadas árbitros ingleses, suecos, uruguaios, argentinos de renome internacional. O uruguaio Esteban Marino e o argentino Roberto Goicocheya foram dois exemplos marcantes.

Armando Marques apitou muitos anos em nosso Estado. E a arbitragem, de um modo geral, está dividida em dois períodos: antes de Armando Marques e depois dele. Arnaldo Cesar Coelho e Romualdo Arpi Filho (este formado em São Paulo), pertencentes ao quadro paulista, apitaram as finais dos mundiais de 82 e 86, respectivamente.

Não vamos citar nomes, porque haveria a necessidade de muito espaço; o que fazemos questão de destacar é que a arbitragem paulista sempre foi séria e competente. E a melhor do Brasil, sem bairrismo de nossa parte.

"90 anos de bons exemplos"



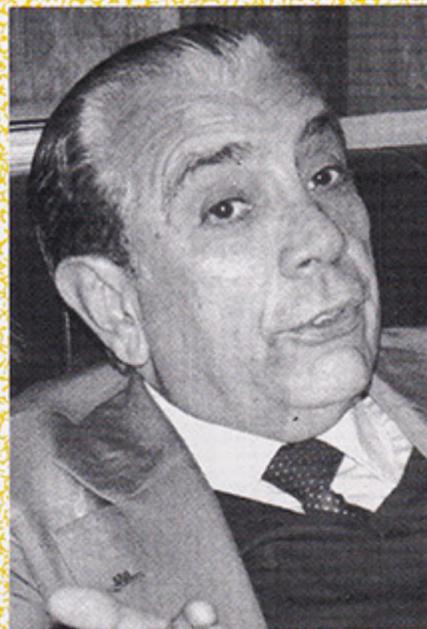
O futebol está em festa. Comemoramos, neste 1992, noventa anos de futebol oficial em São Paulo. Noventa anos de trabalho, dedicação, pioneirismo, grandes realizações, conquistas e bons exemplos.

Na vida política e econômica do País, se São Paulo vai bem, o Brasil inteiro vai bem. O mesmo ocorre no futebol e no esporte em geral. Da antiga CBD (Confederação Brasileira de Desportos) à CBF (Confederação Brasileira de Futebol) de hoje, que tenho a honra de presidir, em toda a história dos grandes feitos e títulos conquistados está presente a marcante colaboração dos esportistas paulistas - dirigentes, atletas, treinadores, colaboradores e torcedores - e da Federação Paulista de Futebol.

O berço do futebol foi São Paulo, para onde Charles Miller levou a primeira bola, que estava em sua bagagem à sua volta da Inglaterra. Na varzea paulistana aconteceu o primeiro jogo. O sopro que deu vida à maior paixão do brasileiro, o futebol.

Na comemoração dos 90 anos de futebol oficial em São Paulo, uma história bonita e repleta de lances heróicos, abraço o presidente Eduardo José Farah, da FPF, e através dele cumprimento a todos os dirigentes que atuam no futebol desse Estado. E na já saudosa figura de Paulo Machado de Carvalho homenageio a todos os que já prestaram a sua colaboração ao futebol paulista e nacional.

(a) *Ricardo Terra Teixeira*
Presidente da CBF



"A honra de presidir a FPF"

Em minha vida empresarial e esportiva tive - e continuo tendo - grandes alegrias. Muitas delas diretamente ligadas ao futebol. Recordo-me, tudo começou em 1955, quando o saudoso presidente Mário Fruguele levou-me para o Conselho Fiscal da FPF. Em seguida, na administração de João Mendonça Falcão, fui secretário geral por 2 anos e ocupei a vice-presidência.

De 1970 a 1976 tive a honra de presidir a FPF.

Foi um período de gratas recordações e grandes amizades. Delegando poderes, tive a sorte de formar uma equipe diretiva composta por grandes esportistas e homens de gabarito; uma administração independente e sem objetivos políticos.

Os dois únicos problemas que tive aconteceram nos campeonatos de 71 e 73. Ambos causados pelo meu amigo Armando Marques, considerado o melhor árbitro do Brasil. Anulou em 71 (São Paulo x Palmeiras) aquele gol do Leivinha, marcado de cabeça e não com a mão como ele entendeu; em 73 errou na contagem dos pênaltis e o título teve de ser dividido entre Santos e Portuguesa.

Da presidência da FPF passei para a vice-presidência da CBF nas administrações de Heleno Nunes e Giulite Coutinho. E, desde 78, por convite de meu amigo presidente João Havelange, sou membro da FIFA.

Agradeço o convite do presidente Eduardo José Farah para, nesta edição, representar os ex-presidentes da entidade e afirmar, sem medo de errar, que "foi uma honra termos presidido a maior Federação do País".

(a.) *José Ermírio de Moraes Filho*

NA ÚLTIMA DÉCADA DO SÉCULO XX

Futebol Paulista (berço do futebol) está mais forte mais bem organizado

ORLANDO DUARTE

O São Paulo, campeão brasileiro de 91. No detalhe, Charles Miller.

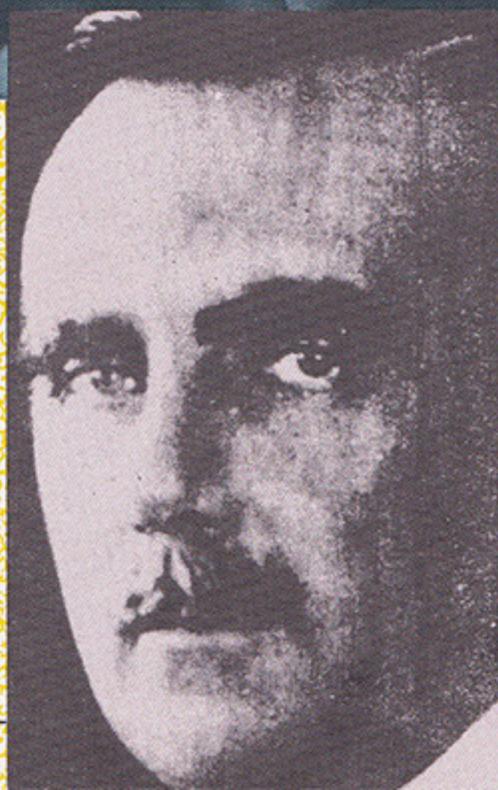
O futebol no Brasil começou aqui, em São Paulo. Tudo começou aqui e, em 90 anos, quase um Século, estamos caminhando para ter o melhor campeonato, os melhores times e os clubes mais bem organizados. Em poucas linhas justifico os parágrafos anteriores. O primeiro estádio foi o Velódromo, construído com o apoio da família Almeida Prado, transformando um local para disputas ciclísticas em um belo campo para o futebol. Antônio do Prado e Antônio do Prado Jr. foram presidentes da Liga Paulista de Futebol, em gestões diferentes, por mais de 11 anos. O estádio de futebol foi inaugurado em 8 de Maio de 1902.

O primeiro jogo envolveu Paulistano e São Paulo Athletic Club. Os dois clubes ainda existem, em São Paulo, e foram campeões paulistas. Antes disso, em 1894, Charles Miller, um brasileiro, foi estudar na Inglaterra, trazia duas bolas e a pri-



meira partida com regras foi a 14 de Abril, no local onde ficava o Viação Paulista, em 1895... A primeira entidade a ser criada foi a Liga Paulista de Futebol, que deu lugar à FPF, em 19 de Dezembro de 1901. O primeiro jogo, oficial, de campeonato foi a 3 de Maio de 1902, entre Germânia (hoje Pinheiros) e Mackenzie, no Campo do Antartica. O primeiro campeão esta-

- Tudo começou em São Paulo
- Primeira bola, primeiro estádio, primeiro jogo...
- Organização, respeito, planificação para o futuro, pontos básicos da FPF para o sucesso
- Objetivos a serem alcançados
- Como será no Século XXI?



dual foi o São Paulo Athletic.

O primeiro time estrangeiro a jogar no Brasil jogou em São Paulo, a 31 de Julho de 1906, no Velódromo e foi um time da África do Sul. Uma primeira vitória internacional foi do Americano contra a Seleção do Uruguai, em 13 de Agosto de 1911, 3 a 0, no Velódromo.

Nossa primeira vitória no Exterior também foi de um time de São Paulo, o mesmo Americano, que venceu a Seleção da Argentina, em Buenos Aires, campo do Racing, por 2 a 0, a 10 de Agosto de 1913. O primeiro jogo noturno também foi em São Paulo, a 23 de Junho de 1923, na Várzea do Glicério, em terreno da Light. O primeiro jogo entre times profissionais também aconteceu em nosso Estado, em 1933, dia 12 de Março, no Estádio Urbano Caldeira, em Santos, com o São Paulo ganhando do Santos por 5 a 1. Começava o profissionalismo... O primeiro jogo de um certame nacional também foi aqui e, em São Paulo, além dos inúmeros grandes craques, tivemos o prazer de revelar, para o mundo, o PELE.

ÚLTIMA DÉCADA

A Federação Paulista de Futebol passou a existir a partir de 1941, sucedendo a Liga Paulista de Futebol, que existiu de 1902 a 1916. Tivemos também a Associação Paulista de Esportes Atléticos e a Liga de Amadores do Futebol, com alguns retornos da Liga Paulista de Futebol. Essa paz no futebol paulista foi responsável por certames fantásticos. No final da década passada, o jovem dr. Eduardo José Farah assumiu a presidência da Entidade. Ele entra nos anos 90 com o futebol paulista fortalecido como nunca



O presidente Eduardo José Farah recebe o da CBF, Ricardo Teixeira.



O Corinthians, campeão brasileiro de 90.

e com perspectivas maravilhosas.

O Interior fortaleceu-se e temos um verdadeiro campeonato nacional em São Paulo. O C.A. Bragantino, de Bragança Paulista, ganhou o título de 1990 a confirmar isso. Em termos nacionais, São Paulo também está forte, com o Corinthians sendo o campeão de 1990 e o São Paulo campeão de 1991,

com um início de década muito promissor.

Os números dos últimos certames mostram evolução.

O que se quer, e o dr. Farah poderá realizar, é uma verdadeira "revolução" sob vários aspectos. Nos últimos tempos cresceu a violência, dentro e fora dos gramados. É um fenômeno mundial. A FPF detectou logo o problema e tratou de

No terceiro milênio, São Paulo continuará na vanguarda.

agir nos limites em que poderia agir, para impedir a proliferação dessa violência. A PM, chamada a intervir, com firmeza, por parte da FPF, está cumprindo a sua missão. As chamadas "Torcidas Organizadas" estão sob controle, prometendo colaborar. A imprensa toda aderiu ao chamamento de pacificação nos estádios e muitas têm sido as campanhas. O Tribunal da FPF também está agindo com firmeza, punindo com rigor, a fim de não estimular atos de violência de jogadores, dirigentes e torcedores.

OBJETIVOS COLIMADOS

O dr. Eduardo José Farah quer marcar a sua passagem pelo alto comando do futebol paulista com uma atividade que será mesmo lembrada. Reforma do prédio da FPF, tornando-se mais funcional e melhor adaptado à sua missão de atender clubes, árbitros, dirigentes que vêm de outros Estados e outros países.

Não é só a reforma do Edifício "Roberto Gomes Pedroza" que preocupa o dr. Farah. Essa etapa já está vencida. Hoje a Entidade do futebol deste Estado está na era da informática, com modernos computadores para atender às suas necessidades. O que está na lista de realizações do dr. Farah é o fortalecimento do nosso certame regional, com o conseqüente fortalecimento dos clubes. Isso é possível com promoções, com a venda antecipada de carnês, com todos os lugares dos estádios numerados e muita coisa mais.

SEMPRE APOIANDO

A FPF sempre apoiou o futebol brasileiro. Este Estado con-



Pelé, o 10 da Seleção Paulista, no seu gesto imortal.

tribuiu com treinadores, jogadores, dirigentes, no sentido de que o Brasil obtivesse, como de fato obteve, bons resultados no Exterior. A FPF quer que o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais volte, talvez, com um quadrangular entre as seleções de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. O dr. Eduardo José Farah, defensor da idéia, diz que um torneio assim auxiliaria a Comissão Técnica da Seleção a bem escolher os melhores futebolistas do País. Es-

sa é outra meta para já, dentro desta Década que deve ser a de ratificação da força do futebol organizado, a começar por São Paulo, sempre pioneiro.

A FPF também quer fortalecer todas as Divisões do seu calendário. Os certames menores (infantis, juvenis, juniores e aspirantes) merecerão o mesmo carinho que o Campeonato da Divisão Principal. Até o fim do Século poderemos ter um torneio como todos querem. Uma Comissão foi convocada para coletar idéias que facilitem a



missão da FPF em saber qual o melhor sistema de disputa para o certame paulista.

A FPF também quer fortalecer a sua voz entre as que existem comandando o futebol brasileiro. Um Estado como este não pode, realmente, deixar de participar, de ser ouvido, nas decisões mais importantes do futebol brasileiro.

SUCESSO

Podemos dizer que a Década de 90, a última do Século, começou bem para o futebol paulista. Que também termine bem são os votos de todos os esportistas do Estado de São Paulo. A Federação Paulista, com seus campeonatos movimentou todos os clubes profissionais, seus árbitros e demais elementos envolvidos no processo. O Campeonato Paulista de 1990 teve uma final entre interioranos, coisa nunca antes registrada. Isso equivale a dizer que, sob todos os ângulos que se analise, verificar-se-á que foi uma disputa limpa, resolvida no gramado. Campeão o C.A. Bragantino, de Bragança Paulista e vice-campeão o Novorizontino, de Novo Horizonte. Foram realizados 291 jogos, movimentando um público pagante de 1.815.794 espectadores. Palmeiras e Corinthians realizaram o jogo de maior público: 71.358 pagantes. Apesar de não ser campeão, o Corinthians ficou em primeiro lugar das arrecadações e da média de público presente em seus jogos: 13.214. Seguiram-lhe Palmeiras e Santos, com o campeão, Bragantino, em 4.º e o vice, Novorizontino, em 5.º. Um progresso para os dois clubes, sem dúvida.

O certame de 1991 teve 390 jogos, com 2.076.705 pagantes

e platéias fantásticas nas partidas finais e decisivas. O Corinthians, demonstrando sua inegável popularidade, teve média de 20.717 espectadores por jogo. O São Paulo ficou em segundo, o Palmeiras em terceiro, a Portuguesa de Desportos em 4.º e o Guarani, em quinto. O São Paulo foi o campeão paulista de 1991 e o Corinthians ficou em segundo lugar.

Os dois primeiros certames dos Anos 90 tiveram bons e maus instantes, mas isso é normal, pois a FPF busca a melhor fórmula, com a colaboração de todos.

O que a Federação Paulista de Futebol, sob a presidência do dr. Eduardo José Farah, pretende, para o Século XXI, é que o futebol esteja em condições de oferecer segurança e conforto aos usuários dos estádios. Locais numerados para todos, estádios com gramados perfeitos, arbitragens de alto nível, combate total à evasão de

arrecadações, possível com a venda de carnês e outras providências mais, dão-nos a certeza de que, no Estado de São Paulo, o esporte mais querido dos brasileiros, o futebol, terá tratamento especial, servindo de modelo para os demais. O dr. Eduardo José Farah não quer que o Estado de São Paulo, que deu origem a tudo de bom no futebol brasileiro, fique para trás. Isso é possível com total apoio dos verdadeiros esportistas, com a modernização da administração dos clubes. A Federação Paulista de Futebol está ciente de seu compromisso para com o futebol brasileiro e na presidência da Entidade, sem dúvida, está um homem que veio da direção de um clube, que está no futebol há anos e que sabe ouvir as propostas que são feitas. Devemos, por isso mesmo, acreditar que a FPF estará muito jovem em seus propósitos para todos os anos 90 e também para início do Terceiro Milênio.



Estádios cheios, torcidas em festa: é o nosso futebol.



Os campeões de todos os tempos

Liga Paulista de Foot-ball
 1902 São Paulo Athletic Club
 1903 São Paulo Athletic Club
 1904 São Paulo Athletic Club
 1905 Club Athletico Paulistano
 1906 Sport Club Germânia
 1907 Sport Club Internacional
 1908 Club Athletico Paulistano
 1909 Associação Athletica das Palmeiras
 1910 Associação Athletica das Palmeiras
 1911 São Paulo Athletic Club
 1912 Sport Club Americano
 1913 Sport Club Americano
Associação Pt.ª de Sports Athleticos
 1913 Club Athletico Paulistano
Liga Paulista de Foot-ball
 1914 Sport Club Corinthians Pta.
Associação Pt.ª de Sports Athleticos
 1914 A.A. São Bento
Liga Paulista de Foot-ball
 1915 S.C. Germânia
Associação Pt.ª de Sports Athleticos
 1915 AA. das Palmeiras
Liga Paulista de Foot-ball
 1916 SC. Corinthians Pta.
Associação Pt.ª de Sports Athleticos
 1916 C.A. Paulistano
 1917 C.A. Paulistano
 1918 C.A. Paulistano
 1919 C.A. Paulistano
 1920 Palestra Itália
 1921 C.A. Paulistano
 1922 SC. Corinthians Pt.ª
 1923 SC. Corinthians Pt.ª
 1924 SC. Corinthians Pt.ª
 1925 AA. São Bento
 1926 Palestra Itália
Liga de Amadores de Foot-ball
 1926 C.A. Paulitano
Associação Pt.ª de Sports Athleticos
 1927 Palestra Itália
Liga de Amadores de Foot-ball
 1927 C.A. Paulistano
Associação Pt.ª de Sports Athleticos
 1928 Sport Club Corinthians Pt.ª
Liga de Amadores de Foot-ball
 1928 Internacional
Associação Pt.ª de Sports Athleticos

1929 SC. Corinthians Pt.ª
Liga de Amadores de Foot-ball
 1930 C.A. Paulistano
Associação Pt.ª de Sports Athleticos
 1930 SC. Corinthians Pt.ª
 1931 São Paulo FC.
 1932 Palestra Itália
 1933 Palestra Itália
 1934 Palestra Itália
Liga Paulista de Foot-ball
 1935 Santos FC.
Associação Pt.ª de Sports Athleticos
 1935 A. Portuguesa de Desp.
 1936 A. Portuguesa de Desp.
Liga Paulista de Foot-ball
 1936 Palestra Itália
 1937 SC. Corinthians Pt.ª
Liga de Foot-ball do Est. de S. Paulo
 1938 SC. Corinthians Pt.ª
Liga Paulista de Foot-ball do Est. de S. Paulo
 1939 SC. Corinthians Pt.ª
Liga de Foot-ball do Est. de S. Paulo
 1940 Palestra Itália
Federação Paulista de Futebol
 1941 SC. Corinthians Pt.ª
 1942 SE. Palmeiras
 1943 São Paulo FC.
 1944 SE. Palmeiras
 1945 São Paulo FC.
 1946 São Paulo FC.
 1947 SE. Palmeiras
 1948 São Paulo FC.
 1949 São Paulo FC.
 1950 SE. Palmeiras
 1951 SC. Corinthians Pt.ª
 1952 SC. Corinthians Pt.ª
 1953 São Paulo FC.
 1954 SC. Corinthians Pt.ª
 1955 Santos FC.
 1956 Santos FC.
 1957 São Paulo FC.
 1958 Santos FC.
 1959 SE. Palmeiras
 1960 Santos FC.
 1961 Santos FC.
 1962 Santos FC.
 1963 SE. Palmeiras
 1964 Santos FC.

1965 Santos FC.
 1966 SE. Palmeiras
 1967 Santos FC.
 1968 Santos FC.
 1969 Santos FC.
 1970 São Paulo FC.
 1971 São Paulo FC.
 1972 SE. Palmeiras
 1973 Santos FC. e A. Portuguesa Desp.
 1974 SE. Palmeiras
 1975 São Paulo FC.
 1976 SE. Palmeiras
 1977 SC. Corinthians Pt.ª
 1978 Santos FC.
 1979 SC. Corinthians Pt.ª
 1980 São Paulo FC.
 1981 São Paulo FC.
 1982 SC. Corinthians Pt.ª
 1983 SC. Corinthians Pt.ª
 1984 Santos FC.
 1985 São Paulo FC.
 1986 AA. Internacional de Limeira
 1987 São Paulo FC.
 1988 SC. Corinthians Pt.ª
 1989 São Paulo FC.
 1990 C.A. Bragantino
 1991 São Paulo FC.

Primeira cisão em 1912 quando alguns clubes deixaram a Liga Paulista de Foot-Ball, fundando a Associação Paulista de Sports Athleticos, popularmente denominada de APEA

Segunda cisão em 1926, quando clubes, encabeçados pelo C.A. Paulistano, abandonaram a APEA, fundando a Liga de Amadores de Foot-Ball.

A terceira aconteceu em 1935, com duas facções dividindo-se entre a APEA e a Liga Paulista.

A partir de 1937, houve apenas uma Entidade (Liga Paulista de Foot-ball), que em 1938, passou a denominar-se Liga de Foot-Ball do Estado de São Paulo e, em 1941, tomou o nome atual — Federação Paulista de Futebol — por força de lei federal.

Em 1942, o Palestra Itália passou a denominar-se Sociedade Esportiva Palmeiras.



Federação Paulista de Futebol

Av. Brigadeiro Luís Antônio, 917 Tel.: 37-7551
 (ed. Roberto Gomes Pedrosa)

Presidente: dr. Eduardo José Farah

Editor: Lucas Neto

Programação visual: Manuel Barboza e Gilmar Brigo Chagas

Fotografias: Teófilo Pereira (Fonemídia)

Arquivo de A Gazeta Esportiva e Museu da FPF

Capa: Márcio Lobo

Produção gráfica: D.C.I.

Heróis, eles não perdoam, marcam: são os goleadores

Impiedosos, implacáveis, os artilheiros não perdoam, marcam. Dão o incentivo ao futebol, inflamam ou calam as torcidas. São deuses nos estádios.

Sergio Baklanos



Friedenreich



Pelé, logo após o 1.000.º gol, em 19/11/69, no Maracanã, contra o Vasco da Gama. Foi de pênalti, em Andrada.

drade, não trouxe apenas a nossa primeira bola de couro, depois de estudar na Inglaterra, como iniciou os brasileiros na arte da conquista do gol. Para provar que não ficava só no discurso, com os seus dez gols, foi o artilheiro do campeão de 1902, o SPAC.

Mas a 7 de setembro de 1956, em um amistoso contra o Corinthians de Santo André, surgiria o goleador que só faltou alterar o movimento de rotação do planeta Terra. O negrinho magro, de pernas finas, que, orgulhoso, corria até o bar da Vila Belmiro, onde comprava cigarros para o Capitão Zito, atendia pelo nome de Gasolina, apelido mudado alguns anos mais tarde para Rei do Futebol.

Onze vezes artilheiro paulista, onde as estatísticas registraram 379 dos 1.282 gols que marcou nos 21 anos de carreira, Pelé acabou dividindo o futebol entre o seu romantismo pragmático e o pragmatismo selvagem, que sucedeu o seu fim de carreira.

Aliás, esse processo estético, se não começou com Friedenreich, teve nele um de seus mais atuantes pioneiros. Conta a história, que além do sobrenome, só o futebol poderia mesmo levar um mulato de olhos verdes, filho de alemão remediado com paulista pobre e negra, a começar no Germânia (hoje, Pinheiros), estudar no Mackenzie e provocar chiques das perfumadas ladies, que gostavam do esporte.

Fried jogava de sapatilhas e pisava tão macio que os argentinos o apelidaram de El Tigre. Incapaz de desferir um chute, os seus gols - principalmente os de pênalti - jamais tocavam o fundo da rede. Contraponto de outro goleador incorrigível, que jurava ter marcado 1.800 gols, pulverizando o recorde de Pelé. A maior parte deles com o bico duro das chuteiras da época.

A história - como não? - registrou também a passagem de Uriel Fernandes, o Teleco das viradas, que, segundo o seu próprio arquivo, tem média superior a Pelé, já que o número de gols superou o de partidas: 243 a 234. Só que o rádio era precário e a televisão, um sonho. Assim, as provas se perderam na poeira do tempo. Tempo capaz até de apagar as conquistas, mas não de fazer esquecer esses heróis do cotidiano, perversos manipuladores do humor da torcida, com seus maravilhosos e devastadores gols.

As discretas palmas dos cavalheiros de colarinho duro do início do século cederam lugar ao rompante das palhetas ao ar nos anos trinta, até chegar aos saltos e urros de nossos dias. Se as reações mudaram, nem por isso o gol deixa de ser o mais explosivo dos sentimentos, nesse esporte que conquistou as massas por se tratar da mais bem-acabada imitação do jogo da vida.

O futebol sem gol é como um dia sem sol, assim como um time sem goleador não passa de uma orquestra que perdeu os instrumentos. Assim, entre Charles Miller e Raí - primeiro e último artilheiros nesses 90 anos de Campeonato Paulista -, se colocam esses personagens que deram ao futebol aquele glamour que outros esportes coletivos não conseguiram captar com tanta intensidade.

Charles Miller, um paulista do Brás, nascido na Rua Monsenhor An-



Neco



Serginho



Federação Paulista de Futebol



Sócrates



Rai

OS ARTILHEIROS

ANO ATLETA	ASSOCIAÇÃO	GOLS	ANO ATLETA	ASSOCIAÇÃO	GOLS
1902 Charles Miller	Liga Pta. de Futebol	10	1902 Charles Miller	Liga Pta. de Futebol	10
1903 Alvaro	São Paulo A.C.	4	1903 Alvaro	CA. Ypiranga	19
Boyes	CA. Paulistano	4	Boyes	A. Portuguesa Desp.	9
1904 Charles Miller	São Paulo A.C.	9	Uriel Fernandes (Teleco)	Liga Pta. de Futebol	9
Boyes	São Paulo A.C.	9	Uriel Fernandes (Teleco)	SC. Corinthians Pta.	15
1905 Herman Freise	SC. Germânia	14	Liga de Foot-ball do Est. de S. Paulo		
1906 Herman Freise	SC. Germânia	6	1938 Elyseu de Siqueira	São Paulo FC.	13
Fuller	SC. Germânia	6	1939 Uriel Fernandes (Teleco)	SC. Corinthians Pta.	32
Léo	SC. Internacional	6	1940 Arnaldo Alves Garcia (Peixe)		
1907 Léo	SC. Internacional	6	CA. Ypiranga Federação Paulista de Futebol		
Herman Freise	SC. Germânia	6	1941 Uriel Fernandes (Teleco)	SC. Corinthians Pta.	26
Fuller	SC. Germânia	6	1942 Mário Milani	SC. Corinthians Pta.	24
1908 Peres	CA. Paulistano	7	1943 Mário Milani	SC. Corinthians Pta.	20
Léo	SC. Internacional	7	1944 Luiz M. de Oliveira (Luizinho)	São Paulo FC.	22
1909 Bibi	CA. Paulistano	9	1945 Mário Picarra (Passarinho)	São Paulo Railway Ac	17
1910 Rubens Sales	CA. Paulistano	10	Servílio de Jesus	SC. Corinthians Pta.	17
Boyes	São Paulo A.C.	10	1946 Servílio de Jesus	SC. Corinthians Pta.	19
1911 Décio	SC. Americano	9	1947 Servílio de Jesus	SC. Corinthians Pta.	20
1912 Arthur Friedenreich	AA. do Mackenzie College	16	1948 Amadeu Viganí (Silas)	CA. Ypiranga	19
1913 Décio	SC. Americano	7	1949 Mário Friça Cardoso	São Paulo FC.	24
	A.P.S.A.		1950 José Lázaro Robles (Pinga)	A. Portuguesa Desp.	22
Francisco Mesquita	CA. Paulistano	3	1951 Rodolfo Carbone	SC. Corinthians Pta.	30
José Pedro	AA. do Mackenzie College	3	1952 Osvaldo Silva (Baltazar)	SC. Corinthians Pta.	27
Luiz	AA. das Palmeiras		1953 Humberto Barbosa Tozzi	SE. Palmeiras	22
Liga Pta. de Futebol			1954 Humberto Barbosa Tozzi	SE. Palmeiras	36
1914 Manoel Nunes (Neco)	SC. Corinthians Pta.	12	1955 Emmanel Del Vecchio	Santos FC.	23
Arthur Friedenreich	A.P.S.A.	12	1956 Zezinho	São Paulo FC.	18
	Liga Pta. de Futebol		1957 Édson Arantes do Nascimento (Pelé)	Santos FC	17
1915 Fachini	AA. Campos Elyseos	17	1958 Édson Arantes do Nascimento (Pelé)	Santos FC	58
	A.P.S.A.		1959 Édson Arantes do Nascimento (Pelé)	Santos FC	45
Carlos Souza Nazareth	AA. Palmeiras	13	1960 Édson Arantes do Nascimento (Pelé)	Santos FC	33
	Liga Pta. de Futebol		1961 Édson Arantes do Nascimento (Pelé)	Santos FC	47
1916 Aparício Delgado	SC. Corinthians Pta.	7	1962 Édson Arantes do Nascimento (Pelé)	Santos FC	37
	A.P.S.A.		1963 Édson Arantes do Nascimento (Pelé)	Santos FC	22
Mariano	CA. Paulistano	8	1964 Édson Arantes do Nascimento (Pelé)	Santos FC	34
1917 Arthur Friedenreich	CA. Ypiranga	20	1965 Édson Arantes do Nascimento (Pelé)	Santos FC	49
1918 Arthur Friedenreich	CA. Paulistano	23	1966 Antônio Ferreira (Toninho)	Santos FC.	27
1919 Arthur Friedenreich	CA. Ypiranga	26	1967 Flávio Almeida Fonseca	SC. Corinthians Pta.	21
1920 Manoel Nunes (Neco)	SC. Corinthians Pta.	24	1968 Antônio Zelenkov (Téia)	A. Ferroviária Esp.	20
1921 Arthur Friedenreich	CA. Paulistano	33	1969 Édson Arantes do Nascimento (Pelé)	Santos FC	26
1922 Gambarotta	SC. Corinthians Pta.	19	1970 Antônio Ferreira (Toninho)	São Paulo FC.	13
1923 Luiz Macedo (Feitiço)	AA. São Bento	18	1971 César Augusto da Silva Lemos	SE. Palmeiras	18
1924 Luiz Macedo (Feitiço)	AA. São Bento	14	1972 Antônio Ferreira (Toninho)	São Paulo FC.	17
1925 Luiz Macedo (Feitiço)	AA. São Bento	10	1973 Édson Arantes do Nascimento (Pelé)	Santos FC	11
1926 Heitor Marcelino Domingues	Palestra Itália	13	1974 Geraldo da Silva	Botafogo FC.	23
	Liga de Amadores de Futebol (L.A.F.)		1975 Sérgio Bernardino (Serginho)	São Paulo FC.	19
Anphilóquio Quarisi Marques (Filó)	CA. Paulistano	16	1976 Sócrates Brasileiro S.S.V.Oliveira	Botafogo FC.	15
1927 Arthur Friedenreich	CA. Paulistano	13	1977 Sérgio Bernardino (Serginho)	São Paulo FC.	32
	A.P.E.A.		1978 Édson Ataliba Cândido (Ataliba)	CA. Juventus	21
Araquen Patuska	Santos FC.	31	1979 Luiz Fernando Triewiler	América FC.	27
1928 Heitor Marcelino Domingues	Palestra Itália	16	1980 Edmar Bernardes dos Santos	EC. Taubaté	17
	Liga de Amadores de Futebol (L.A.F.)		1981 Jorge Pinto Mendonça	Guarani FC.	38
Arthur Friedenreich	CA. Paulistano	29	1982 Walter Casagrande Jr.	SC. Corinthians Pta.	28
1929 Arthur Friedenreich	CA. Paulistano	16	1983 Sérgio Bernardino (Serginho)	Santos FC.	22
	A.P.E.A.		1984 Sérgio Bernardino (Serginho)	Santos FC.	16
Luiz Macedo (Feitiço)	Santos FC.	12	Francisco Carlos (Chiquinho)	Botafogo FC.	16
1930 Luiz Macedo (Feitiço)	Santos FC.	37	1985 Antonio de Oliveira F.º (Careca)	São Paulo FC.	23
1931 Luiz Macedo (Feitiço)	Santos FC.	39	1986 João Leithardt Neto (Kita)	AA. Internacional	23
1932 Romeu Pellicari	Palestra Itália	18	1987 Edmar Bernardes dos Santos	SC. Corinthians Pta.	19
1933 Waldemar de Brito	São Paulo	21	1988 Evair Aparecido Paulino	Guarani FC.	19
1934 Romeu Pellicari	Palestra Itália	13	1989 Antonio Benedito da Silva (Toninho)	A. Port. Desp.	13
	Liga Pta. de Futebol		Antonio José Gomes (Toni)	São José EC	13
1935 Uriel Fernandes (Teleco)	SC. Corinthians Pta.	9	1990 Volnei Aparecido de Oliveira	A. Ferroviária E.	10
			Alberto Carlos Félix da Silva	Ituano FC	10
			1991 Rai Oliveira	São Paulo FC.	20

OBS:- Pelé o maior artilheiro dos campeonatos: marcou 58 gols em 1958.



Mostrem na Televisão um bom produto: gols

José Maria Aquino

O futebol e a televisão poderiam viver uma ardente e profícua relação de amor, colhendo, ambos, belos frutos. Mas não vivem, o que é uma pena. Se a televisão, como veículo de comunicação, fosse melhor usada, poderia prestar excelente ajuda ao futebol. A culpa por esse, digamos desencontro, é das três partes diretamente envolvidas: a televisão, os dirigentes e os jogadores.

Sempre que se quer justificar a fuga do público dos estádios, uma das desculpas mais usadas é a transmissão de jogos pela televisão. Fala-se, escreve-se, e pronto. Poucos se dão ao trabalho de uma análise mais profunda. Quase ninguém, por exemplo, lembra de computar o péssimo futebol apresentado na maior parte dos jogos, a falta de gols, a violência entre torce-

dores, além da falta de dinheiro. Uma rápida pesquisa entre pais e a simples atenção para os estádios lotados quando a entrada é franca, serviria para comprovar.

A culpa dos jogadores - e não das transmissões de jogos pela televisão - está em não tomarem consciência de que é preciso dar espetáculo para atrair o público. A boa mercadoria é sempre bem vendida. O dia em que os jogadores entenderem que não devem "administrar" o resultado de 1 a 0, partindo, ao contrário, para a busca de outros gols, descobrirão que não há transmissão ao vivo capaz de segurar o torcedor em casa. Saberão que, bem ao contrário, a televisão estará anunciando um bom produto ao exibir os gols.

Mesmo assim, os jogos não devem ser transmitidos para as cidades onde estão sendo realizados. Os dirigentes precisam escolher boas partidas para a televisão. Elas atrairão o torcedor para os outros jogos. Parece claro que um Flamengo x São Paulo, por exemplo, serve melhor para promover o futebol do que Sport x Paissandu. Ou não?

Os dirigentes falham quando não colocam nos contratos que assinam cláusulas que exijam das emissoras promoverem mais o futebol. Com campanhas promocionais e educativas. Vale a pena pensar nisso.

Marketing: Projetos e ações

A Diretoria de Marketing da Federação Paulista de Futebol acredita que os grandes frutos, nascem de pequenas sementes. São para essas sementes que nossos esforços se dirigem, visando de um lado agilizar processos, e de outro instaurar meios modernos que permitam maior comodidade e tranquilidade ao torcedor.

É sob essa ótica que estamos desenvolvendo o carnê do Campeonato Paulista de Futebol, nos moldes Europeus, beneficiando aos clubes com venda antecipada e ao torcedor que garante seu ingresso com preços congelados aos jogos de seu time.

Paralela a essa iniciativa, o cartão de crédito será também uma opção tanto para a compra dos ingressos, como dos carnês.

Uma linha telefônica exclusiva para o torcedor está sendo negociada junto à Telesp. Objetivo: prestar um serviço de atendimento contínuo, informando, alertando, e, por que não, educando.

Enfim, acreditando que projetos não são apenas projetos e sim realidades, esperamos poder colocar em prática, não só nossas idéias, mas também qualquer sugestão que possa colaborar com o futebol.

Vice Presidência de Comercialização: Dr. Gilberto Fagundes
Diretoria de Marketing: Sr. Hugo Carletti
Assessoria: Gisleine Genovêz Bertini/Walkyria Suleiman



RIPASA S.A. CELULOSE E PAPEL



Antônio Prado Júnior



Getúlio Vargas Filho (Dr. Getulinho)



Antônio Casemiro da Costa e João Mendonça Falcão.

Em 90 anos, 33 presidentes

Antônio Casemiro da Costa	1901 a 1904
Antônio do Prado	1904 a 1908
Antônio Prado Júnior	1908 a 1909/1913 a 1914, 1924, 1926 a 1929
Luis Fonseca	1909 a 1911
Oscar Porto	1912 a 1916
Denedito Montenegro	1915 a 1917/1921 a 1922
Edgard Nobre Campos	1918 a 1919 a 1923
J. Ferreira dos Santos	1920
Dárcio A. de Moraes	1923
Augusto B. de Carvalho	1923
Odilon Queiroz Ferreira	1923 a 1924
Elpidio de Paiva Azevedo	1924 a 1925, 1928, 1931 e 1932
Jorge Santos Caldeira	1925 a 1926/1933 a 1934
Guilherme Gonçalves	1927 a 1928
Lauro Gomes	1934 a 1936
José da Silva Freire	1934 a 1935
Pedro Baldassari	1935 a 1936
Énio Juvenal Alves	1936 a 1937
Arthur Tarantino	1936 a 1939
Francisco Patti	1939 a 1940
Ubiratan Pamplona	1940 a 1941
Taciano de Oliveira	1941 a 1942
Getúlio Vargas Filho	1943
Antônio Carlos Guimarães	1943 a 1945
Antônio Feliciano	1945 a 1947
Roberto Gomes Pedroza	1947 a 1954
Mário Frugiuelle	1954 a 1955
João Mendonça Falcão	1955 a 1970
José Ermírio de Moraes Filho	1970 a 1976
Alfredo Metidieri	1976 a 1979
Mabi Abi Chedid	1979 a 1981
José Maria Marin	1982 a 1987
Eduardo José Farah	1988 a 1990
Eduardo José Farah	1991



Roberto Gomes Pedroza

Ele foi goleiro e presidente do São Paulo F.C. De 1947 a 1954 presidiu a FPF. Morreu no dia 6 de janeiro de 54, no exercício da presidência da entidade. Foi uma figura marcante na administração da Federação. Em sua administração foi construído o edifício-sede, que fica na av. Brigadeiro Luis Antonio, 917, com 13 andares, um teatro com 450 lugares, museu do futebol, salas e salões. Em justa homenagem o edifício leva o seu nome: Edifício Roberto Gomes Pedroza. Em sua administração foi criada a importante Lei de Acesso, marco extraordinário para o desenvolvimento do futebol no Interior do Estado; e inaugurada a Escola de Árbitros Flávio Iazzetti, pioneira e a mais importante do País.



O "Marechal da vitória" de 58 e 62

O dr. Paulo Machado de Carvalho, presidente honorário da FPF, foi o chefe das delegações brasileiras que conseguiram os títulos mundiais de 1958 na Suécia e 1962 no Chile. O plano Paulo Machado de Carvalho foi elaborado pelos jornalistas Ari Silva, Flávio Iazzetti, Paulo Planet Buarque e pelo técnico Vicente Feola. Eles se reuniam todas as segundas-feiras no restaurante Zillerthal, que funcionava no andar térreo do edifício Roberto Gomes Pedroza. Pelo seu comando, foi cognominado *O Marechal da Vitória*. Faleceu em 7/3/92.



Federação Paulista de Futebol



O presidente dr. Eduardo José Farah, ladeado pelos vice-presidentes dr. Antoine Gebran e dr. Rubens Approbato Machado.

o comando do futebol paulista

Presidente: dr. Eduardo José Farah
1.º vice-Presidente: dr. Antoine Gebran
2.º vice-Presidente: dr. Rubens Approbato Machado

DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

Vice-Presidente - Marcello de Castro Leite
Diretor - Jayme Silva

DEPARTAMENTO DE FINANÇAS

Vice-Presidente - Joaquim Justo dos Santos
Diretor - José Martinho Nakid
Diretor - Jorge Abicalam Filho

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Vice-Presidente - José Mansur Faraht Filho
Diretor - Francisco Joscimar de Lavor
Diretor - Dorival Veronezzi

DEPARTAMENTO DE FUTEBOL AMADOR

Diretor da Capital - Francisco Gervásio Primo
Diretores do Interior - Joaquim Rodrigues
- Roque Machado

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO

Vice-Presidente - Mário Augusto Isaias
Diretor - Bernardo Francez

DEPARTAMENTO JURÍDICO

Vice-Presidente - Carlos Aloysio Canellas de Godoy
Diretores - Antonio Carlos Meccia
- Marcelo Guimarães da Rocha e Silva
- Márcia Regina Machado Melaré
- Vicente Renato Paolillo
- Wilson Canhedo

DEPARTAMENTO DE REGISTRO E TRANSFERÊNCIA

Vice-Presidente - Leonel Almeida Martins de Oliveira
Diretor - Alcindo da Rocha

DEPARTAMENTO DE COMERCIALIZAÇÃO

Vice-Presidente - Gilberto Fagundes
Diretor - Hugo Carletti

DEPARTAMENTO DE COORDENAÇÃO REGIONAL

Vice-Presidente - Duilio Pisaneschi
Diretor - Eurides Milagre de Oliveira

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS GOVERNAMENTAIS, INTERMUNICIPAIS E DA CBF

Vice-Presidente - Vergílio Dalla Pria Netto
Diretor - Oswaldo Agostinho Ricomini

DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS E SOCIAIS

Diretores - Francisco Silvestre
- Isac Wajnsztejn

DIRETORIA FEMININA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Presidenta - Josefina Zampietro Farah
Diretoras - Laís Floret Nunes
- Tereza D'Alessio
- Magali Ferreira Pinto
- Inês Mesquita Pimenta
- Miriam Approbato Machado
- Wayta Aparecida Menezes Dalla Pria
- Cláudia Carneiro Bastos

DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Diretor - Nobuo Naya

COMISSÃO DE ARBITRAGEM - CEAF

Presidente - Januário D'Alessio
Vice-Presidente - Reinaldo Rocha Carneiro Bastos
Membros - Jaime da Silva
- Marcello Portugal Gouveia
Supervisor Técnico - Gustavo Caetano Rogério

COMISSÃO VARZEANA

Adriano Pinho de Azevedo
Albano Figueiredo
Antonio Luiz Fernandes Azevedo

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DESPORTIVA

Presidente: dr. Marco Polo Del Nero
Auditores: dr. Bento da Cunha
dr. Neief Saad Neto
dr. Estevam Magro
dr. Carlos Renato de Azevedo Pereira
dr. Angelo Antônio de Lucca
dr. Inocencio Medina Garcia
dr. Antônio Jurado Luqui
dr. Luis Antônio Capote Moreno
Auditores suplentes: dr. Gillman José Jorge Farah
dr. Clécio Ribeiro

CONSELHO FISCAL

efetivos:
dr. Benjamin Sequeira Barreira
dr. José Angelo Silvestre
dr. Salomão Gawendo
suplentes:
Waldemar Pellegrino
José Francisco da Cunha Ferraz
Elcio Seno



Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.

PAZ NOS ESTÁDIOS!

Em campanhas no rádio, jornais e televisão, depois nas ruas em outdoors a Federação Paulista de Futebol inovou, criando um clima positivo, de festa entre as torcidas. O resultado foi excelente, aplaudido pelas autoridades civis e militares da Secretaria da Segurança Pública e do próprio governador Luiz Antônio Fleury Filho. É a mídia em favor da paz nos estádios.

Futebol, alegria do povo.

apolo  Votorantim



ADM: Farah-Gebran-Approbato

Chega de violência, vamos ao estádio.

 REDE GLOBO

 FIRULA
Artigos esportivos nota 10

 JOVEM PAN TV
CANAL 16/UFV

 Q-REPRES-NO

 REDE BANDERANTES

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ